

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

THIAGO JOSÉ FANTIN MILDEMBERG

VOLEIBOL DE PRAIA: A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER PELA TELEVISÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

THIAGO JOSÉ FANTIN MILDEMBERG

VOLEIBOL DE PRAIA: A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER PELA TELEVISÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à disciplina de TCC2, do Curso de Bacharelado em Educação Física, do Departamento Acadêmico de Educação Física, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Gilmar Afonso

CURITIBA

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Curitiba
Diretoria de Graduação e Educação
Profissional
Departamento de Educação Física
Bacharelado em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

VOLEIBOL DE PRAIA: A OBJETIFICAÇÃO DA MULHER PELA TELEVISÃO

Por

THIAGO JOSÉ FANTIN MILDEMBERG

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 22 de novembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Dr. Gilmar Francisco Afonso
Orientador

Prof. Dra. Ana Paula Bonin Maoski
Membro titular

Prof. Dra. Daniela Kuhn
Membro titular

* O Termo de Aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso

RESUMO

MILDEMBERG, Thiago José Fantin. **Voleibol de praia: a objetificação da mulher pela televisão**. 88 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). Departamento Acadêmico de Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

O voleibol de praia foi transformado em um produto comercial espetacularizado e transmitido pela televisão em escala global. Atualmente, o voleibol de praia ocupa uma posição de destaque no cenário esportivo brasileiro e mundial. Nos Jogos Olímpicos, por exemplo, é uma das modalidades mais procuradas pelo público, tanto ao vivo quanto pelas transmissões televisivas. Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa pretende analisar os olhares da mídia, principalmente da televisão, nas transmissões do voleibol de praia feminino com relação aos enquadramentos nas atletas evidenciando o corpo das mulheres como um dos principais atrativos da modalidade. O objetivo geral foi analisar porque a mulher é objetificada pela televisão, no voleibol de praia. Para tal, esta pesquisa possui uma natureza qualitativa e caráter descritivo. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário adaptado com perguntas discursivas. Participaram 10 atletas, 2 técnicos e 2 organizadores de eventos. Os dados foram analisados por meio da Teoria da Dominação Masculina, proposta por Pierre Bourdieu. Os resultados mostraram que as atletas, os técnicos e os organizadores participantes que, em sua maioria, concordam com o uniforme do voleibol de praia feminino, e que a televisão explora essa característica estrutural do voleibol de praia. Nesse sentido, concluímos que o voleibol de praia é um produto mercantilizado e espetacularizado pela televisão, a qual é operada por uma lógica comercial, utilizando o apelo sensual das jogadoras para alavancar as transmissões.

Palavras-chave: Voleibol de praia. Televisão. Objetificação da mulher.

ABSTRACT

MILDEMBERG, Thiago José Fantin. **Beach volleyball: an objectification of women on television.** 88 f. Course Completion Work (Bachelor of Physical Education). Academic Department of Physical Education. Federal Technological University of Paraná, Curitiba, 2018.

Beach volleyball has been transformed into a commercial product spectacular and broadcast on television on a global scale. Currently, beach volleyball occupies a prominent position in the Brazilian and world sports scene. At the Olympic Games, for example, it is one of the most sought-after modes by the public, both live and broadcast. In this perspective, this research intends to analyze the media's looks, especially of television, in the transmissions of the female beach volleyball with respect to the frames in the athletes, showing the body of the women as one of the main attractions of the modality. The general objective was to analyze why the woman is objectified by television, in beach volleyball. For this, this research has a qualitative nature and descriptive character. A questionnaire adapted with discursive questions was used as instrument of data collection. Participated 10 athletes, 2 technicians and 2 event organizers. The data were analyzed through the Theory of Male Domination, proposed by Pierre Bourdieu. The results showed that participating athletes, coaches and organizers responded that they mostly agree with women's beach volleyball uniform, and that television explores this structural feature of beach volleyball. In this sense, we conclude that beach volleyball is a product marketed and spectacularized by television, which is operated by a commercial logic, using the sensual appeal of the players to leverage the transmissions.

Keywords: Beach volleyball. Television. Objectification of the woman.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 JUSTIFICATIVA	9
1.2 PROBLEMA	10
1.3 OBJETIVO GERAL	10
1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 A DOMINAÇÃO MASCULINA	10
2.2 A MULHER NO ESPORTE	15
2.2 OS OLHARES DA MÍDIA – A MULHER ATLETA	24
2.3 O VOLEIBOL DE PRAIA FEMININO COMO ESPORTE ESPETÁCULO	28
2.4 O VOLEIBOL DE PRAIA FEMININO: UNIFORME	32
3. METODOLOGIA DE PESQUISA	38
3.1 TIPO DE ESTUDO	39
3.2 PARTICIPANTES	39
3.2.1 Critérios de Inclusão	39
3.2.2 Critérios de Exclusão	40
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS	40
3.3.1 Instrumentos	40
3.3.2 Procedimentos	40
3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS	41
3.5 ANÁLISE DOS DADOS	41
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
5. CONCLUSÃO	73
6. REFERÊNCIAS	74
7. APÊNDICES	79

1. INTRODUÇÃO

O esporte é compreendido como um fenômeno processual físico, social, econômico e cultural e na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas nos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização. Marchi Jr (2015) criou o “Modelo Analítico dos 5 E’s” que busca construir uma referência de análise do esporte a partir de cinco dimensões, que contribuem para discutir o fenômeno esportivo em sua complexidade de relações. Os 5 E’s são: emoção, estética, ética, educacional e espetáculo.

Dentro do esporte espetáculo, algumas variáveis devem ser observadas como estruturas do seu processo, como por exemplo: a capacidade de movimentar o contexto econômico e mercadológico; geração e constituição de ofertas e demandas; apelo motivacional e emocional e a plasticidade e viabilidade midiática, que incorporam os aspectos performáticos do esporte, como a estetização do movimento. No mundo contemporâneo, o esporte tem assumido a perspectiva da constituição de um produto globalizado e mercantilizado nas suas várias possibilidades de manifestações e apelos comerciais. O *show-time*, juntamente com o *business*, tem condicionado e limitado a compreensão do esporte a essa dimensão, ou seja, o espetáculo (MARCHI JR, 2015).

Nos dias atuais, a comercialização de imagens é universal e acontece principalmente através do espetáculo. Nos esportes, a espetacularização é facilitada pela plasticidade e beleza das imagens, sendo assim, o espetáculo esportivo é um veículo representado por imagens (AFONSO, 2011).

Durante mais de um século, o esporte tornou-se um lugar de disputas intensas sobre o que pode/deve fazer um “corpo masculino” ou um “corpo feminino”, tanto pelo lugar central que ocupava na construção de novas formas mais “pacificadas” da construção da masculinidade (OLIVEIRA, 2004). Dentro do esporte, as mulheres avançaram, desde a questão do espaço que era muito limitado, pela questão da fragilidade feminina que imperava, até as conquistas graduais no mundo esportivo, a nível amador e profissional, e é um fenômeno muito reconhecido hoje em dia (ALDEMAN, 2006).

Mas, ao mesmo tempo em que a mulher estava se profissionalizando no esporte e tendo uma maior participação em eventos importantes, o seu corpo já

começava a ser objetificado pela mídia, de modo geral, e pela televisão, em particular. Goellner (2005) relata sobre a erotização dos corpos nessa mesma época, mostrando que os locais onde ocorriam as práticas esportivas, começaram a ser palco de espetacularização dos corpos femininos, evidenciando atributos com características do sexo feminino, principalmente a sensualidade.

O voleibol de praia passou de um simples passatempo entre amigos e familiares para um esporte profissional, mercantilizado e espetacularizado, principalmente pela televisão, em escala global (AFONSO, 2018).

Atualmente, o voleibol de praia é uma modalidade esportiva com bastante prestígio, no Brasil e, na maioria dos países, em todos os continentes (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE VOLEIBOL, 2018).

A espetacularização do voleibol de praia abriu novas frentes de estudos sociológicos. No caso desta pesquisa, procuramos entender por que a televisão objetifica o corpo das jogadoras de voleibol de praia e, na maioria das vezes, evidencia o corpo das atletas como o principal atrativo da modalidade (BISSEL, 2007). Também discutimos sobre o uniforme de jogo das competidoras, que tem um tamanho menor comparado com outros uniformes de modalidades distintas nas equipes femininas.

1.1 JUSTIFICATIVA

A justificativa pessoal para esse trabalho é relacionado ao amor que tenho pelo voleibol. Desde os 12 anos treino essa modalidade e por conta do esporte optei por cursar o curso de Educação Física. Desde o início do curso meu interesse era em fazer um estudo sobre o voleibol e ao longo dos anos me interessei pelo estudo da mulher no esporte e na sociedade. Com essas duas frentes de estudos, resolvi estudar esse tema como Trabalho de Conclusão de Curso.

A justificativa acadêmica para a realização deste estudo reflete a alguns estudos na área da mulher atleta, como a dissertação de Moreira (2009), que estudou sobre o voleibol feminino, com o título: “O voleibol feminino no Brasil: do amadorismo à profissionalização”. Percebendo que os estudos sociológicos sobre o voleibol feminino estavam em falta, decidi entender melhor sobre o processo de desenvolvimento e aceitação da modalidade pelo público. Como resultados da pesquisa, foi notado que o processo de profissionalização estava relacionado com a mídia e empresas. Relacionando a admiração da modalidade com o público percebeu-se que por intermédio da mídia ocorreu a divulgação e logo após as competições internacionais começaram em território brasileiro, com uma estratégia de marketing através das transmissões sobre as “Musas do Voleibol”.

Afonso (2011) em “A reinvenção do voleibol de praia: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada (1983-2008)” trabalhou com a hipótese que o desenvolvimento histórico da modalidade se configurou como um produto da marca voleibol, sendo assim, o voleibol **na** praia foi transformado em voleibol **de** praia. Os objetivos desse estudo foram analisar o processo de institucionalização do voleibol de praia; descrever a história do voleibol e voleibol de praia; e ainda analisar as relações estabelecidas entre os agentes e instituições que fazem parte desse campo de concorrências. Pierre Bordieu, como nos outros estudos já citados acima, foi utilizado como referencial teórico metodológico da análise.

Já Salvini (2012): “Novo Mundo Futebol Clube e o “Velho Mundo” do futebol: Considerações sociológicas sobre o *habitus* esportivo de jogadoras de futebol”. Nesse estudo a autora investigou os fundamentos ocultos da dominação no futebol e na estrutura do futebol feminino, levando em consideração a história do corpo da mulher. No esporte escolhido por Salvini, as mulheres sofrem com a “masculinização” do corpo perante aos olhos dos espectadores ou também a

espetacularização do seu corpo, tendo em vista o fato de que o futebol no Brasil é um espaço para a masculinidade.

Também a autora Salvini (2017) em sua tese: “A luta como ‘ofício do corpo’: entre a delimitação do subcampo e a constituição do *habitus* do *mixedmartialarts* em mulheres lutadoras” analisou as estratégias de funcionamento do subcampo do MMA frente ao campo esportivo a partir da posição que as mulheres lutadoras ocupam nessa estrutura.

Depois de verificar esses autores foi percebido uma lacuna sobre um estudo mais específico no voleibol de praia feminino com relação à exposição demasiada do corpo feminino. Sendo assim, o presente estudo visa analisar a espetacularização nesse esporte. Com isso é importante ressaltar a importância em discorrer estudos que abordam sobre a objetificação da mulher.

1.2 PROBLEMA

Por que a mulher é objetificada pela televisão, no voleibol de praia?

1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar porque a mulher é objetificada pela televisão, no voleibol de praia.

1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Conhecer a opinião das atletas, dos técnicos e dos organizadores sobre o uniforme utilizado no voleibol de praia feminino.
- b) Relatar os interesses da mídia no voleibol de praia feminino.
- c) Descrever a objetificação do corpo feminino pela televisão, no voleibol de praia.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A DOMINAÇÃO MASCULINA

Segundo Bourdieu, a dominação não é o efeito direto e simples da ação exercida por um conjunto de agentes sobre outros (dominantes versus dominados), mas o efeito indireto de um conjunto complexo de ações que se engendram na estrutura do campo por meio do qual se exerce a dominação frente aos demais (BOURDIEU, 1996). Para Salvini (2012) tal dominação não é evidente, e sim camuflada, a tal ponto que muitas vezes os que a sofrem não a percebem. Bourdieu (1996) contesta esse entendimento o desmistificando ao alegar que o uso do corpo feminino (como na publicidade) continua evidentemente subordinado ao ponto de vista masculino. Ou seja, permanece em posição de dominação, sem que as mulheres – agentes dominadas – se deem conta disso.

Para Bourdieu (2007, p. 82) a dominação masculina é:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo se (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente e, termos de engrandecimento do ego. Em consequência a dependência em relação aos outros e não só aos homens tende a se tornar constitutiva do seu ser.

Bourdieu (2007) relata que em diversos casos, tanto na percepção social quanto na linguagem, o gênero masculino se mostra como algo neutro, enquanto o feminino é caracterizado. A construção simbólica, para fins de produzir o que chamamos de “homem viril” e “mulher feminina” implicam em uma transformação duradoura e profunda nos corpos, bem como, num trabalho de construção prática que visa orientar os usos legítimos do corpo, sobretudo sexuais, com intuito de excluir do pensável tudo que caracteriza pertencer a outro gênero (BOURDIEU,

2007, p. 32) compreende que, sob o ponto de vista que liga sexualidade a poder, a pior humilhação para um homem, consiste em ser transformado em mulher.

Sob a ótica masculina, o fato de as mulheres romperem a relação tácita de disponibilidade e de se apropriarem de sua imagem corporal, e no mesmo ato, de seus corpos, faz com que sejam vistas como “não femininas” ou até mesmo “lésbicas”. Se agem como homens, elas se expõem a perder os “atributos obrigatórios da feminilidade” e colocam em questão o direito natural dos homens às posições de poder; se elas agem como mulheres, parecem incapazes e inadaptadas à situação (SALVINI, 2012).

Para Salvini (2012) a violência emocional dos homens contra a entrada das mulheres em determinados esportes ou profissões, pode ser pensada a partir da noção de que as posições sociais são sexuadas e sexualizantes, e, os homens ao “protegerem” seu espaço da feminilização estão pretendendo proteger a legitimidade de ser e estar nesses espaços, com intuito de manter sua estima e virilidade.

Bourdieu (2007) traz que ser feminina é evitar qualquer prática que lembrem sinais de virilidade e dizer que uma mulher é muito feminina, não é mais que um modo sutil de lhe negar qualquer direito ao poder, atributo caracteristicamente masculino.

No campo esportivo, quando as jogadoras colocam suas ações dentro do jogo, dentro do que cada esporte oferece, elementos pré-dispostos como pertencentes ao gênero feminino (cabelos compridos, unhas pintadas e uniformes mais justos) elas estão reforçando o “ideal” feminino e reforçam a luta pela legitimidade de um corpo que incorporou tanto as características do esporte (como a força, a resistência, o combate) quanto às características entendidas socialmente como femininas (como a sensualidade, a beleza, o corpo feminino só obtém legitimidade como tal quando submetido ao enquadramento das leis sociais sexistas fundamentadas em algumas características tidas como essenciais para uma melhor afirmação das mulheres, quais sejam, a delicadeza e a feminilidade (SALVINI, 2012b).

Em sua dissertação, Salvini (2012) nos diz que a domesticação do corpo da mulher atleta, que além de atender as necessidades exigidas pela modalidade praticante, é necessário atender as necessidades normativas de gênero. Para Bourdieu (2009) as sociedades dominadas por valores masculinos, a relação masculina com o corpo é de sublimação (honra) e as mulheres, não tem o discurso

sexual proibido, porém seus discursos são dominados e carregados de valores masculinos de virilidade.

“[...] a dominação não é apenas uma dominação de classe ou de grupos. É também uma dominação masculina” (SAINT MARTIN, 2005, p. 330).

Bourdieu (2007) viu na dominação masculina, na maneira que ela é imposta e vivenciada, a submissão paradoxal, resultando na violência simbólica, designada como suave, insensível e invisível a suas próprias vítimas. A relação social ordinária é uma ocasião única de aprender a lógica da dominação. “Simbólico” significa o oposto do real, a suposição de que a violência simbólica seria meramente uma violência “espiritual”, sem danos reais. Sendo assim, os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais.

Essa violência simbólica acontece por adesão do dominado não poder deixar de conceder ao dominante, conseqüentemente a dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2007).

Outra forma de observar a violência simbólica é:

Esse tipo de violência tem por efeito, estabelecer a legitimidade de um discurso, de decisão, de um agente ou uma instituição, entretanto, as relações de força que originam a violência simbólica, são desconhecidas. (TERRAY, 2005, p. 304).

Para o autor, essa violência, é comparada com uma prisão invisível, sem paredes e sem portas e ainda finalizada dizendo: “[...] se a violência simbólica atrai um poder suplementar porque nela a violência é mascarada, ao contrário, sua força diminui quando sua máscara lhe é arrancada e ela é forçada a aparecer de cara limpa” (TERRAY, 2005, p. 307).

Em seu artigo, Salvini (2012b) trás sobre os fundamentos ocultos da dominação, dentre eles, a violência simbólica. Relata assim, uma violência silenciosa, porém dolorosa, realizada sem a percepção de quem está sofrendo, impondo de forma sutil a dominação. Um exemplo desse tipo de violência simbólica acontece com as mulheres que praticam futebol ou que jogam esportes

denominados como masculinos nas quais, os corpos, em especial o corpo feminino, são veiculados como objeto de consumo no processo de mercantilização do esporte. Dessa maneira, se constitui um espaço esportivo diferencial e ao mesmo tempo tradicional na qual os esportes de contato ou esportes honoríficos ostentam a nobreza do ser masculino e reforçam a delicadeza e submissão feminina.

Na definição de Bourdieu (2007), androcêntrico é um ser ordenador, afirmando que masculino e feminino são opostos e simétricos, o masculino é visto hierarquicamente superior e construído contra e em relação ao feminino.

O simples movimento corporal do corpo feminino e masculino está impregnado da valorização masculina. Na maioria das vezes, o corpo das mulheres está submetido a confinamentos simbólicos de seus próprios corpos e movimentos. O que é o salto alto para a mulher senão o de símbolo sexual validado no campo social pelos e para os homens? Não é porque a mulher usa salto alto e demais acessórios que elas são submissas aos homens, o importante aqui é perceber que esses modos vão sendo constituídos (é um processo) para atender uma demanda masculina, no limite, são versões do princípio patriarcal de que a mulher foi feita para servir ao homem em versões mais sutis e suavizadas, características de como o poder atua em uma sociedade de controle (DUTRA, 2015).

O supracitado autor ainda relata sobre o androcentrismo no ato sexual:

E o que dizer sobre o próprio ato sexual? Atravessado por dominação masculina! O masculino é identificado como ativo e o feminino como passivo, em cima e embaixo, presente inclusive nas relações homossexuais. O dialeto usado pelos homens em relação às mulheres, no que se refere à conquista, é agressivo e evidencia o masculino sobre o feminino. E o feminino é vulgarmente qualificado quando se utiliza dos mesmos elementos (DUTRA, 2015, p. 1).

Muitas vezes, esse androcentrismo não aprisiona somente as mulheres, mas alguns homens também são vítimas dessa violência simbólica naturalizada. Um dos exemplos se diz respeito a posição viril, quando costuma-se dizer “seja homem”. Muitas vezes, sem que se perceba, os homens também são prisioneiros da dominação masculina. A todo o momento os homens precisam provar sua honra, força, capacidade sexual e virilidade, sendo isso um tipo de jogo de violência e poder (DUTRA, 2005).

A palavra “o homem” representa “a humanidade”, seu esperma, segundo Bourdieu (2010), leva o princípio fundador, ele domina, é o corpo livre no ato sexual, a mulher deve deixar-se dominar, suportar um casamento turbulento por causa dos filhos, silenciar-se. É nesse âmbito, do público e do privado, organização atemporal, que devemos enxergar uma das várias formas de dominação, é uma das formas *a priori* de dominar a mulher.

Ou seja, a razão androcêntrica que norteia a construção social dos órgãos sexuais, tanto feminino quanto masculino, se fundamenta na divisão dos estatutos sociais atribuídos ao homem e à mulher. Salientamos que a força “masculina” vem do fato de que a legitimação da dominação se inscreve na natureza biológica, que por sua vez, é uma construção social naturalizada (SALVINI, 2012).

Logo, o poder simbólico é uma forma transformada, transfigurada e legitimada das outras formas de poder, garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força, fazendo ignorar/reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim, em poder simbólico, com a capacidade de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia (SALVINI, 2012).

2.2 A MULHER NO ESPORTE

Sempre foi difícil para as mulheres conquistarem os seus direitos na sociedade e, dentro do esporte não foi diferente. O gênero foi usado por muito tempo para impedir a participação feminina em diferentes modalidades esportivizadas, principalmente as de contato, pois buscava-se no corpo feminino um território de fixidez e demarcações identitárias (DEVIDE, 2005). Devido a tradição conservadora que a sociedade brasileira exercia, foi a partir da segunda metade do século XIX que ocorreram as primeiras práticas esportivas no universo feminino (GOELLNER, 1998). Depois de tantas barreiras sociais impostas às mulheres no meio esportivo, a mulher brasileira teve sua primeira participação a nível internacional nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932. A única representante feminina foi a nadadora Maria Lenk em um total de 67 atletas da delegação brasileira (LENK, 1982).

A perspectiva histórica da inserção feminina no mundo esportivo destaca alguns discursos postos em circulação, como um receio da masculinização da

mulher diante da prática desportiva e também os anseios da sexualização do corpo da atleta, identificando, muitas vezes, mais do que o talento esportivo, mas um ícone de beleza e feminilidade. E foi a partir do século XX que as mulheres começaram a adquirir maior visibilidade nesse meio (GOELLNER, 2005).

Em “O Esporte e a Espetacularização dos Corpos Femininos”, de Goellner (2004), ela diz:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar um terreno criado e mantido sob domínio masculino, cuja justificativa, assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas (GOELLNER, 2004, p. 34).

Marinho (1954) relata que as primeiras aparições públicas das mulheres, após todo o aprisionamento que o corpo feminino já sofrera, foi descrito no III Congresso Mundial de Educação Física realizado em 02/08 à 09/08 de 1954 e dizia:

Cumpre destacar, sobretudo a feminilidade que se sente em cada movimento, evidenciando que, realmente, essa é a forma de atividade física que melhor interpreta a natureza da mulher, traduzindo nos gestos suaves, cheios de encanto, a sensibilidade, a elevação de sentimentos, a doçura da expressão, a alegria de semblante que fazem da companheira do homem o verdadeiro motivo de sua existência (MARINHO, 1975, p. 102-103).

Esse trecho retirado de Marinho (1975) relata qual era a atividade física que as mulheres praticavam na época. Somente a dança poderia ser praticada pelas mulheres, pois os movimentos realizados evidenciavam gestos suaves, de doçura e sensibilidade, reproduzindo como a mulher era vista pela sociedade.

A partir da segunda metade do século XIX, as primeiras iniciativas da participação feminina no Brasil começaram a ser observadas. Por ser um país com uma cultura extremamente conservadora na época, a sociedade não permitia grande projeção, pois as mulheres daquele tempo eram criadas pelos pais para serem futuras esposas e mães. A mudança desse conceito foi lenta e mais significativa para mulheres da alta sociedade, pois tinham maior acesso aos bens culturais,

escolaridade e novidades da Europa. Sendo assim, algumas mulheres passaram a frequentar bares, rodas de intelectuais e poetas, festas e eventos sociais e esportivos (CUNHA JUNIOR; ALTMANN; GOELLNER; MELO, 1999). A mulher foi se inserindo nesse meio esportivo através da ginástica e dança, pois já tinham conceitos de caráter aristocrático, familiar e saudável. Entre os primeiros esportes desenvolvidos no Brasil (turfe e remo), as mulheres sempre estavam inseridas,acompanhando seus maridos ou desfilando alta costura. Mesmo essa presença feminina nas competições de forma passiva as possibilitou uma maior visibilidade na sociedade brasileira da época. Já no fim do século XIX podemos observar mulheres participando ativamente como atletas nas competições, principalmente de turfe e ciclismo (MELO, 2001).

Em 1882, Rui Barbosa, preparou uma proposta de educação diferenciando a Educação Física para homens e mulheres nas aulas de Educação Física: “Com distinção entre os exercícios para os alunos (ginástica sueca) e para as alunas (calistenia), de modo que a mulher praticasse atividades compatíveis com as características de seu sexo, a harmonia das formas femininas e as exigências da maternidade futura” (MARINHO, 1975, p.164).

Mas a maior inserção das mulheres começou nas primeiras décadas do século XX, tanto no lazer da educação escolar e também nas competições. Foi nesse mesmo período que a ginástica assume um papel importante no ambiente escolar, como forma de educar o corpo feminino. Considerada de natureza frágil, à menina/mulher são recomendadas atividades físicas capazes de fortalecer seu organismo de forma a fazer com que elas pudessem enfrentar os desafios de uma maternidade sadia, considerada nesse período a função primeira de toda mulher (GOELLNER, 2003).

A tradição de controle do corpo e do comportamento feminino ocasiona na falta de investimentos nas práticas desportivas das mulheres, pois de um imaginário coletivo no qual a passividade, o sacrifício, a submissão e a maternidade seriam dons privilegiados somente às mulheres, dons que não fazem jus aos atributos exigidos para a prática esportiva.

A primeira escola de Educação Física no Brasil era um espaço exclusivo para homens. Já na Alemanha em 1930, as escolas de Educação Física para a mulher tinham o lema: “uma garota para cada esporte e um esporte para cada garota”, elas já brigavam com as americanas que pregavam o jogo pelo jogo (PFISTER, 1997).

No Japão em 1926, ocorreu a primeira Conferência de Kodokan (primeiro dojô, ginásio para prática de judô inaugurado em 1882) de Judô Feminino. Anteriormente à realização desses eventos as mulheres das famílias dos samurais já estudavam o Nagitana (luta com espada) e o Kyudo (arco e flecha) e também o conhecido Jiujsu. Como por exemplo, temos a atleta Rusty Kanokogi, pioneira do judô feminino cujo esforço se deve o primeiro campeonato Mundial de Judô para mulheres em Nova York, em 1980. Sua historia marca as dificuldades pelas quais muitas mulheres atletas tiveram que superar. Em 1955, a muito custo, ela conseguiu entrar no dojô local e teve que treinar com 40 homens, muitos dos quais caíram no tatame ao enfrentá-la. Ela entrou para a história do judô, dentre os muitos feitos, por participar de campeonatos contra homens e sair vitoriosa. Incansável, Kanokogiprocessou o Comitê Olímpico do EUA e a Associação de Judô dos Estados Unidos (USJudô Inc.), por excluir as mulheres do Nacional Sports Festival em 1981, alegando discriminação sexual (SILVA, 1994).

Com a resistência das mulheres, em 1941, a legislação 10 anos após o lançamento dos dois livros citados, o Conselho Nacional de Desportos (CND) criou o Decreto Lei nº 3.199, que no artigo nº 54 dizia que, as mulheres não poderiam praticar esportes “incompatíveis com sua natureza”. Em 1965 com a deliberação nº 7 definiram-se regras para a participação das mulheres nos esportes, não sendo permitida às mulheres a prática do futebol, do futsal, do futebol de praia, do pólo, do halterofilismo, do baseball e das lutas de qualquer natureza. E somente em 1979, com a deliberação nº 10, a anterior é revogada devido ao feito bastante conhecido no Judô. Joaquim Mamed, diretor da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) daquele período, mudou os nomes de 4 meninas para nomes masculinos garantindo assim passagens para que a Delegação Brasileira pudesse participar de um campeonato sul-americano realizado na Argentina, em 1979. Ao retornar ao Brasil foi convocado pela CND para dar explicações e compareceu com as 4 meninas de medalhas no peito, através de muita polêmica o CND finalmente aprovou a participação das mulheres no Judô. Em 1980 o judô feminino foi oficializado para competição (SILVA, 1994).

Quando falamos dessa modalidade é tendencioso relacionarmos esse esporte ao mundo masculino, ou seja, nos vem uma imagem de dois “brutamontes” tentando derrubar um ao outro no chão, como relata André (2004, p. 70):

Esses estereótipos de gênero - em que os adjetivos adequados ao sexo masculino são agressivo, ativo, esportivo, fisicamente forte, independente e machista; e ao feminino são atraente, comunicativa, dedicada, elegante, meiga, responsável, sensível e vaidosa – é resultado de uma sociedade que ainda age com a cultura do machismo, rebaixando as mulheres e discriminando as que não se comportam no “padrão feminino”.

O fanatismo pelo futebol em solo brasileiro é nítido, mas quando nos referimos ao naipe feminino é raro quando uma partida está sendo transmitida, geralmente só divulgam os jogos de um grande campeonato, como os Jogos Olímpicos. Esse é um bom exemplo para se discutir sobre a mulher no esporte. Quando o futebol feminino brasileiro fez sua estreia Olímpica em 1996, o projeto de marketing proposto não seguiu os atributos exigidos pelo esporte. Alguns clubes “famosos” como Fluminense, Grêmio e Corinthians seguiram as recomendações do projeto de Marketing do Saad (clube de futebol feminino de São Paulo), que dizia que, além de competência técnica seria necessário ter beleza para entrar em campo (SILVA; COSTA; SALLES, 1997). Mas sabe-se que o conceito de beleza já é padronizado (alta, magra, branca) e como as nossas jogadoras eram na maioria negras, estavam fora do padrão estabelecido. Em 2004 o Futebol Feminino comoveu o Brasil ao conquistar uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Sem um salário digno, sem patrocínio e sem campeonatos nacionais as atletas entraram para a História do Futebol.

Os argumentos sexistas sempre foram contraditórios, pois tentaram excluir as mulheres do ambiente esportivo por suas características físicas mais frágeis, pela sua intolerância a dor e pelo dom da procriação, mas sabe-se que para o próprio ato de parir uma criança é necessária muita força, coragem, além de sentir muita dor. É necessário fazer um questionamento histórico e verificar se em outras culturas e em outros tempos a mulher sempre foi vinculada a essa fragilidade física e se existiram sociedades em que o esporte era fundamental para o universo feminino. Mas passado essas perspectivas de intolerância ao mundo feminino no esporte, é importante ressaltar as mulheres que resistiram a tudo isso e tem seus nomes

marcados em grandes momentos do esporte. Na década de 1990 o quarteto Marta, Paula, Janete e Hortência fez sucesso no Brasil. Em 1994 no Mundial de Basquete da Austrália, nos proporcionaram a alegria de vê-las conquistando o vice-campeonato. Hortência, que com muita garra, disciplina e treinamento pesado, permaneceu imune aos jogos da Instituição Desportiva, de domínio, ainda, quase exclusivo masculino, recebendo o título de rainha do basquete, com reconhecimento mundial e com características atléticas únicas (LESSA, 2005).

Os esportes de força sempre foram considerados inadequados às mulheres, pois eram vistas de uma maneira mais frágil e sempre com a justificativa dessa fragilidade a sua capacidade reprodutora. Nos dias atuais após os avanços da ciência e as lutas por direito das mulheres, nota-se um número cada vez maior de praticantes nas lutas marciais, no boxe, na musculação e em esportes coletivos, com variados objetivos, podendo ser estética, de lazer ou relacionado à saúde (LESSA, 2005).

Aldeman (1999) em seu artigo sobre corporalidade feminina aborda discussões sobre as mulheres nos esportes, mais especificamente no voleibol e hipismo, com embasamento em Bordo e Butler relacionando discussões de gênero e corpo. O texto é fruto de um trabalho de pesquisa, cuja hipótese diz que a participação das mulheres nos esportes pode apresentar-se como resistência ao modelo de feminilidade, que “pode ser entendida como uma ‘estética da limitação’” (ALDEMAN, 1999, p. 5). O estereótipo feminino é muito reproduzido no meio esportivo pelas próprias atletas, com o intuito de manter um padrão que a mídia rotula as mulheres, em geral. Dentro da pesquisa de Aldeman (1995) algumas jogadoras de vôlei defendem a “feminilidade” que a modalidade impõe ou que a mídia impõe e comparam com outros esportes coletivos, como basquete, handebol e futebol:

Nunca gostei de Basquete. Para a mulher, acho que a torna muito masculina. Se você comparar as jogadoras de basquete com as de vôlei, você vê a diferença no físico. Elas são mais truncadas; tem um jeito diferente – eu não gosto!’. ‘o basquete é uma coisa muito masculina. Jogam com aquela bermudona e o corpo delas é mais quadrado... O vôlei já é uma coisa mais feminina. Tem mais atrativos do que o basquete. E isso muita gente fala: a gente vai lá, jogar com aquela sunguinha bonitinha, shortinho colado, chama a atenção!’. (ALDEMAN, 1999, p. 16).

Com o passar dos anos a autoafirmação da mulher foi identificada quando elas começaram a praticar esportes, cuidar melhor da aparência, se preocupar menos

com o desnudamento do corpo e utilizar mais artifícios estéticos, diferente de como era vista anteriormente. Independente do discurso hegemônico que era imposto, as práticas esportivas começaram a seduzir e desafiar as mulheres, as incentivando a participar de modalidades esportivas com o objetivo de fortalecer seu corpo, mas sem perder a essência da feminilidade (GOELLNER, 1998).

As atividades físicas para as mulheres foram ganhando importância social, pois é uma saída capaz de educar e valorizar o corpo, promovendo aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos para enfrentar a modernização, incluindo a maternidade. Para a mulher que preza a feminilidade, beleza significa saúde e também uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas, razão pela qual os exercícios físicos e os esportes recomendados deveriam atentar para que, na sua execução, não impossibilitasse abrigar uma vida em formação (GOELLNER, 2004).

Por esses motivos esportes vistos como de prática exclusiva do universo masculino (futebol, lutas e halterofilismo) eram tidos como prejudiciais ao desenvolvimento e comportamento do corpo feminino. E além dessas mudanças, esses esportes poderiam causar a “masculinização” das mulheres. Esse termo não sugere apenas alterações no seu comportamento e conduta, mas na sua própria aparência física, pois a feminilidade da mulher é transmitida pela exterioridade do seu corpo (GOELLNER, 2005).

A exibição do corpo feminino é espetacularizado e tem aceitação em diversos locais sociais, porém é suspeito em outros locais, como no campo de futebol e nas arenas de lutas, pois nesses locais a feminilidade é colocada a prova (GOELLNER, 2004).

Quando o corpo da mulher sofre uma grande transformação após a prática de exercícios físicos e pelo treinamento regrado não apenas suas características são colocadas em dúvidas, mas também a autenticidade do seu sexo. O corpo e o comportamento feminino são julgados através do modelo masculino, por isso elas não devem ultrapassar os limites convencionais e culturais (GOELLNER, 2004).

Ao corpo feminino excessivamente transformado pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo são atribuídas características viris, que não apenas questionam sua beleza e feminilidade, mas também coloca em dúvida a autenticidade do seu sexo. Afinal, o homem – seu corpo e seu comportamento – é o modelo a partir do qual o corpo e o comportamento da mulher são julgados, estigmatizando aquelas que ultrapassam os limites que convencionalmente lhe foram impostos (GOELLNER, 2003, p.40).

A autora também comenta que mesmo com a resistência da mulher participar de práticas esportivas ou de outros eventos, as mulheres estão a cada dia mais se inserindo no universo dos esportes:

Mas, como as formas de resistência e transgressão ao que está culturalmente instituído existem, as mulheres há muito estão presentes no esporte. Vão aos estádios, assistem campeonatos, acompanham e divulgam as notícias, treinam, fazem comentários, arbitram jogos, são técnicas, compõem equipes dirigentes, mesmo que em um número muito bem menor, se compararmos à participação masculina. No entanto, não há como negar que elas estão presentes no universo do esporte. E são muitas (GOELLNER, 2004, p.41).

A nadadora paulista Maria Lenk, na época com 17 anos de idade tornou-se um ícone do esporte feminino brasileiro por ser a nossa primeira atleta olímpica e também a primeira mulher sul-americana a participar dos Jogos Olímpicos. A inserção feminina em competições nacionais e internacionais começou a fluir melhor a partir da participação de Maria Lenk nos Jogos Olímpicos, mesmo o esporte sendo praticado anteriormente por elas, apenas depois desse fato a mulher atleta começou a ter mais visibilidade. A participação feminina nos Jogos Olímpicos foi aceita apenas na segunda edição, em 1900, Paris, com onze participantes (golfe e tênis). E para ser aceita a sua participação, em meados do século XX, começou a ser discutida a ideia de que a mulher correspondia mais a assistência do que a prática de atividades esportivas a nível competitivo e depois de grandes discussões entre os organizadores a sua participação foi aceita (GOELLNER, 2003).

A prática de esportes estava sendo aceita, porém quando se falava sobre a aceitação da imagem da mulher atleta e dedicada ao esporte de competição, a sociedade brasileira da época ainda impunha muitas barreiras. Isso é bem exemplificado nas edições posteriores a participação de Maria Lenk nos Jogos Olímpicos. Em 1936 (Berlim) e 1948 (Londres), a participação feminina ocorreu

através da natação. Já em 1950 e 1960 a presença da mulher brasileira foi discreta, pois apenas uma atleta participou em Melbourne, 1956, em Roma, 1960 e Tóquio em 1964. Nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, três mulheres participaram e em Munique, 1972, cinco atletas fizeram parte da delegação. Falando em números, podemos verificar que apenas nos últimos anos nossas atletas conseguiram maior visibilidades em eventos internacionais. Pela primeira vez na história, em 1980, nos Jogos Olímpicos de Moscou, a delegação feminina ultrapassou o percentual de 10% em relação a masculina, cenário diferente dos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, quando o Brasil foi representado por 111 homens e 94 mulheres (GOELLNER, 2004).

Nos mesmos Jogos Olímpicos, em Sydney-2000, a primeira participação da ginástica rítmica e do handebol feminino resultaram na oitava colocação para as duas modalidades. Já o voleibol e o basquetebol trouxeram a medalha de bronze, o voleibol de praia, prata e bronze, e também a participação de Daniele Hypólito, na época com 16 anos, obteve o vigésimo lugar (GOELLNER, 2003).

Romper com os paradigmas do modelo masculino é o principal desafio que as mulheres estão enfrentando.

O choro da conquista, o abraço afetuoso, o companheirismo e a rivalidade saudável são comportamentos que podem ser compartilhados tanto por homens quanto por mulheres. A mulher, e principalmente a mulher atleta, paga um preço alto em um mundo de valores predominantemente masculinos. São heroínas pela força em transformar ao longo da história a falta de visão, a realidade social, não se eximindo de conceitos preconceituosos decorrentes dessa sociedade. O principal desafio tem sido, historicamente, romper com os paradigmas do modelo masculino, deixar de ser julgada pelo seu estado civil, seu comportamento sexual, sua moral, seus atributos físicos, saber lidar com pressões e expectativas sem ter medo de desapontamentos nem sentimentos de culpa ou fracasso (GOELLNER, 2005, p.60).

Falando de desempenho, nas últimas seis Olimpíadas as primeiras colocações femininas aumentaram 7,14 vezes. Esses resultados se dão pelo motivo da diversificação das modalidades nas quais as mulheres começaram a participar a partir dos anos 1980, como nas modalidades consideradas mais masculinas: judô, pólo aquático, handebol e futebol. O futebol é um bom exemplo para falar sobre esse tema. As mulheres que praticam esse esporte no Brasil estão com um número

cada vez maior, comparado a décadas anteriores, inclusive um grande aumento em campeonatos regionais e nacionais. Mas um fato que deve ser olhado criticamente, é de que o número de mulheres nas comissões técnicas de clubes de futebol feminino, bem como em altos cargos administrativos das entidades são ainda restritos. Além desse fator negativo, ainda o futebol feminino é olhado de forma preconceituosa e estereotipada, com grande associação de sua imagem à homossexualidade ou perigos da bola para a saúde reprodutiva. E um campo de ação que ainda é totalmente restrito para as mulheres são os cargos como técnicas esportivas, pois ainda é um domínio masculino (GOELLNER, 2004).

Trata-se da inexpressiva participação da mulher nos setores de organização e de direção do esporte, como, por exemplo, nas federações e confederações esportivas e no Comitê Olímpico Brasileiro, cujos cargos permanecem sob o domínio dos homens mesmo após a orientação do Comitê Olímpico Internacional, em 2000, de que os Comitês Nacionais procurassem promover estratégias de inserção da mulher nos cargos de comando de forma a se aproximar do percentual de 10% (PFISTER, 2003). Apresenta-se alguns dados que são ilustrativos dessa afirmação: dos 198 Comitês Olímpicos Nacionais, apenas quatro são dirigidos por mulheres; dos 151 Comitês Paraolímpicos Nacionais, quinze são presididos por mulheres. No Brasil, das 53 confederações esportivas, apenas uma é dirigida por mulher: a Confederação Brasileira de Ginástica, cuja presidente é Vicélia Angela Florenzano. Quando se pensa nas Federações Esportivas o índice não chega a 1%.

2.2 OS OLHARES DA MÍDIA – A MULHER ATLETA

Quando se fala da mulher no esporte, surgem discursos que associam a sua participação e a aquisição e manutenção de um belo corpo. A própria mídia tem um espaço onde foca esse tipo de valorização, algumas vezes, mais do que os sucessos e talentos esportivos, ao se referir às mulheres atletas não deixa de mencionar aspectos relativos à sua aparência física, em especial, a sua beleza. Não podemos esquecer que, para muitos desses discursos, a beleza é uma obrigação para a mulher. Publicada na Folha de S. Paulo em 01/10/2000, a reportagem “Mulheres brilham mais que homens em Sydney” é exemplo dessa afirmação

quando declara: “Uma das provas mais 'atraentes' foi a do salto com vara feminino, disputado pela primeira vez em Jogos Olímpicos. A norte-americana Stacy Dragila, a australiana de origem russa Tatiana Grigorieva e a islandesa Vala Flogfaddottir chamaram a atenção pelo talento e pela beleza”. Não menciona a conquista das mulheres, que conseguiram romper preconceitos e incluir uma nova modalidade nos Jogos, modalidade essa considerada, até então, perigosa para o pleno funcionamento do corpo feminino. No entanto, o destaque para a beleza das atletas não é silenciado (GOELLNER, 2004).

As mulheres perante ao sistema biológico sempre foram consideradas mais frágeis que os homens e com isso eram excluídas de atividades consideradas masculinas. Na Educação Física, durante um longo tempo buscou-se a tese de “naturalização” da fêmea para elaboração dos seus programas de treinamento, com embasamento na biologia e na medicina (GOMES, 1958).

A imagem corporal é o resultado da inter-relação entre a cultura e o convívio social, conforme foi apontado por Geertz (1989). O ser humano não é apenas um objeto biológico, por isso constantemente mudam suas imagens, ideias e valores. No mundo atual com a influência midiática em que vivemos adotamos muitas atitudes e comportamentos nas quais são passadas como as ideias, ou seja, repetimos um comportamento padrão estipulado pela mídia.

No mundo esportivo os atletas e a própria modalidade não ficaram imune a essas espetacularização e transformação cultural. Corpos de atletas que eram vistos como antítese da feminilidade são, atualmente, modelos de beleza perseguidos por todas. A prova mais evidente foi o sucesso do calendário publicado quando dos Jogos Olímpicos de Sidney/Austrália em 2000. Atletas homens e mulheres completamente nus resplandecendo sensualidade, mas com corpos escondidos por jogos de luzes nas quais eram evidenciados as curvaturas de homens e mulheres. Atualmente nos esportes o padrão de beleza é ainda mais evidente, mas mesmo que um corpo bonito, ou seja, padronizado, não garanta bons resultados, esses corpos recebem muitos olhares da mídia, como no caso das musas do vôlei brasileiro e algumas tenistas internacionais. É visível que a mídia oferece dois tipos de imagens corporais: um como mercadoria e outro como identidade do sujeito. Como mercadoria pode garantir ao atleta o desempenho e retorno financeiro, mas para a grande maioria representa a possibilidade de obter um status social, econômicos e realização pessoal (ALONSO, 2004).

Quando falamos da representação da mulher no esporte, fica evidente esse problema da espetacularização do corpo das atletas e mulheres esportistas por meio da mídia. Luiza Klein Alonso começou a observar as fotos de mulheres atletas que eram estampadas em jornais e revistas, mas principalmente na Folha de S. Paulo. As primeiras fotos observadas foram de amazonas no hipismo clássico juntamente de uma série de artigos e com a manchete anunciando esse esporte dizendo: “Promovia a igualdade entre os sexos” (Folha, 1995). Mas na maioria das vezes o que era observado nas folhas do jornal era outro tipo de tratamento as atletas femininas, como por exemplo: o Caderno de Esporte da Folha que, em época próxima aos Jogos Olímpicos reproduziu várias páginas de fotos das atletas olímpicas em poses sexys e seminuas, acompanhadas com pequenos textos contendo manchetes como: “Aparecer nua é maior dilema”; “É melhor músculo que celulite’ diz Aparecida”; “Para Ida, vôlei é tão sensual quanto balé”; e “Mostrar a bunda’ não é a solução, diz Adriana” (Folha, 1996). Na revista Veja (2003) também temos um exemplo desse tipo de exposição que a mulher atleta vem sofrendo aos longos dos anos, fala sobre a triatleta Fernanda Keller: embora mostre apenas uma foto discreta da atleta, o artigo nada mais é do que uma exposição da corrente obsessão com o corpo feminino “perfeito”, esculpido pelo esporte, livre de gordura e das marcas do tempo, eternamente jovem, e jovem a qualquer custo.

Segundo Aldeman (1999), o esporte é um espaço muito sensível das atuais renegociações das relações de gênero enquanto práticas e processos simbólicos. É um lugar de disputa de significados entre o corpo feminino e masculino, se construindo verdades sobre os corpos através de status conquistados.

Algumas teóricas feministas argumentam que, perante as conquistas femininas na esfera pública em geral, é este o espaço em que a cultura patriarcal consegue manter suas formas mais atuais e eficazes sobre a vida das mulheres (GOELLNER, 2004).

Já em relação a diferença de cobertura entre homens e mulheres da mesma modalidade, os pesquisadores da mídia criticam a cobertura de mídia sobre esportes coletivos em relação ao gênero por causa do domínio dos homens nas páginas esportivas (HARDIN; CHANCE; DODD; HARDIN, 2002). Alguns pesquisadores como Alexander (1994), Lumpkin & Williams (1991), e Theberge e Cronk (1986) concluíram em seus estudos que as mulheres recebem menos gráficos

estatísticos que os homens e as fotos utilizadas mostram um grande apelo sexual, além do desempenho atlético das atletas.

Outros estudos também chegam a mesma conclusão: as equipes femininas recebem menos cobertura do que as equipes masculinas, e a cobertura que as mulheres recebem é marginal (COAKLEY, 1998; FINK E KENSICKI, 2002; KANE; PARKS, 1992; TUGGLE, 1997). A cobertura esportiva das mulheres é maior somente quando o esporte é tradicionalmente feminino ou socialmente aceitável, como a patinação ou ginástica (BISSEL; DUKE, 2007). As mulheres que praticam esportes considerados mais masculinos, como o futebol e o rugby, recebem menos cobertura da mídia (CRAMER, 1994; KENSICKI, 2002).

Em 2010, Billings, Angelini e Duke encontram diferenças tanto no tempo de cobertura para homens e mulheres, como também na diferença dos comentários durante a transmissão, somente esportes como voleibol de praia e ginástica recebem a mesma quantidade de cobertura independente do gênero. Os homens receberam, desde 2004, mais cobertura no atletismo, natação e voleibol (BILLINGS; ANGELINI; DUKE, 2010).

Em anos não olímpicos a cobertura de atletas do sexo feminino e seus respectivos esportes diminuem ainda mais, porém as atletas olímpicas começaram a atrair mais atenção da mídia na cobertura geral do jornal (BRUCE, 2006) e em fotografias online (JONES, 2004). Porém esse aumento foi visto para esportes individuais, entretanto o voleibol de praia feminino também teve um grande aumento na cobertura da mídia (HARDIN et al., 2002; TUGGLE et al., 2002; TUGGLE; OWEN, 1999). Mas ainda fica uma dúvida, mesmo que a cobertura da mídia tenha aumentado para as mulheres, essa transmissão é estratégica?

Muitas vezes, mesmo com o aumento de cobertura da mídia para as equipes femininas, as atletas são descritas como “divertido de assistir”, “bonito” e “legal” (DUNCAN; HASBROOK, 1988) ou como “bonita”, “elegante” e “encantadora” (DADDARIO, 1994).

Higgs et al. (2003) relataram que os comentários sobre as mulheres atletas enfatiza traços físicos e ainda sugerem que esses comentários sexistas ajudam os espectadores a formarem estereótipos ou crenças sobre a mulher atleta. Em 1999, Zettl explica como os ângulos das câmeras podem influenciar e envolver os espectadores, podendo envolvê-los ainda mais com o esporte ou com que percam o interesse na modalidade.

A linguagem sexista que está presente nas transmissões podem ser definidas a três tipos: a linguagem que ignora as mulheres, a linguagem que define as mulheres estreitamente e a linguagem que deprecia as mulheres. Essas definições aumentam os estereótipos dos gêneros e pode ser visto como um retrocesso para a mídia esportiva (HENLEY, 1987). Outros estudos também relatam que a apresentação da mídia esportiva reforça a desigualdade de gênero durante as transmissões (HALBERT; LATIMER, 1994; DUNCAN; HASBROOK, 1988).

Segundo Balsamo (1996), a publicidade esportiva destaca as capacidades atléticas e poder do corpo das mulheres atletas, mas ao mesmo tempo, esmagam de forma sexista o corpo feminino.

2.3 O VOLEIBOL DE PRAIA FEMININO COMO ESPORTE ESPETÁCULO

Bissell (2007) analisou os comentários dos narradores esportivos e os ângulos das câmeras de televisão de seis jogos de voleibol de praia do sexo feminino da equipe dos Estados Unidos que ocorreram a partir de 2004, mais especificamente durante os Jogos Olímpicos de Atenas e também na pré-cobertura esportiva da competição. Na primeira partida dos EUA analisada, foram relatados um total de 56 enquadramento da câmera, sendo 27% das imagens com foco na quadra completa, 48% foram focalizadas em meia quadra e 25% foram focadas individualmente nas jogadoras. Em outro jogo contra a Suécia, com um total de 144 enquadramentos, 25% foram da quadra completa, 44% de meia quadra e 31% foram focadas em jogadoras individuais. É importante ressaltar que as imagens focadas no corpo das atletas foram vistas com maior frequência, comparando de um jogo para o outro.

Em relação aos comentários dos narradores do jogo, foi analisado que alguns fizeram comentários sobre a tatuagem de Walsh (atleta dos EUA) ou sobre a altura das jogadoras, mas não foi codificado nenhum comentário sobre aparência ou forma do corpo das atletas. Também foi relatado que os comentários não eram sexistas e nem de forma que representasse estereótipos de gênero. Nas estatísticas o que se destacou foram comentários sobre força física, agilidade e raramente algo que fugisse sobre o ambiente de jogo (BISSELL, 2007).

Quando foi analisado a parte específica do corpo que estava sendo enquadrado na transmissão, uma grande porcentagem das imagens foram focadas no peito e nádegas das atletas. Por exemplo, quando a equipe dos EUA estava recebendo o saque, as jogadoras ficam em posição de expectativa, ou seja, ficam com o tronco inclinado e a bola é colocada em jogo. Nesse momento, algumas vezes o foco da câmera ficava voltado para a nádega da atleta. Sabe-se que existem várias câmeras de diferentes ângulos gravando o jogo, mas o diretor de transmissão tomou a decisão de frequentemente usar a câmera com o ângulo de trás para transmitir essa jogada, muitas das vezes cortando a cabeça e os pés das atletas, reforçando o foco na nádega da jogadora (BISSELL, 2007).

Bissell (2007), também codificou além das imagens das nádegas, muitos enquadramentos com o foco no peito das atletas. Essas imagens eram feitas logo após o ponto ter sido conquistado pela equipe adversária, no momento que as atletas voltavam para a quadra de defesa e se posicionavam para fazer a recepção do saque. Por exemplo, no primeiro turno, 32% das 56 fotos eram focadas em Walsh ou no peito de May (companheira de Walsh); 22% das 144 fotos no jogo contra a Suécia foram focadas no peito; 38% das 138 fotos contra a China foram focadas no peito e 28% das 152 fotos contra a equipe do Brasil também foram com imagens na região do peito das atletas.



Photo by Christopher Hogg, www.digitaljournal.com. Reprinted with permission.

Fonte: (BISSELL; DUKE, 2007)

Geralmente essas imagens mais específicas do corpo das jogadoras aconteciam no final de cada *rally*. Durante a comemoração do ponto, é normal que uma atleta, em forma de celebração ou apoio, bata na nádega da colega e rapidamente a câmera já estava pronta para focar nesse acontecimento do jogo. Outro momento que a câmera estava pronta para focalizar era quando uma atleta precisava fazer um ajuste no seu uniforme (BISSELL, 2007).

Foi analisado uma imagem específica do jogo, quando May e Walsh venceram a equipe brasileira de Shelda Bede e Adriana Behar. Depois do final de jogo, as atletas americanas se abraçaram e caíram no chão uma em cima da outra. Esta forma inocente de comemoração após a conquista do título olímpico foi capturado por várias câmeras e utilizado como divulgação do resultado. Essa imagem foi repetida várias vezes e vista por milhares de espectadores, mas fica uma questão: Porque justo essa imagem viralizou e não uma foto de uma ação de jogo? Havia muitas imagens para a divulgação desse resultado, porém a escolhida foi uma que mostrava a mulher como objeto sexual, com foco em sua nádega, e não de sua força ou capacidade atlética.



Walsh e May após a conquista do ouro em Atenas-2004

FONTE: (GettyImages)



Walsh e May se abraçam em Atenas-2004 após a conquista do ouro Olímpico

FONTE: (GettyImages)

Mesmo sendo grande o número de fotos que acentuam ou realçam a sexualidade das atletas, é importante ressaltar que não houve relação entre as fotos e os comentários dos locutores, pois os comentários foram feitos independentes das fotos.

Em um segundo estudo realizado por Bissell (2013) foi analisado o conteúdo midiático de cinco partidas da equipe feminina dos EUA durante a realização dos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. O objetivo desse estudo foi observar o aspecto visual e verbal das transmissões e se as atletas do sexo feminino dos EUA foram retratadas em uma natureza sexualizada ou de uma forma que enfatizou a sexualidade em primeiro lugar e depois o desempenho atlético das jogadoras.

As análises de imagens foram feitas desde o início da cobertura do jogo (antes do primeiro saque) até o final do jogo (comemoração da equipe vencedora). Foi verificado alguns aspectos durante o jogo, como: zoom, ângulo da câmera e replays (BISSELL, 2013).

Sobre os comentários que os narradores reproduziram do jogo, nenhum foi sobre informação pessoal das atletas e apenas 1% (12) dos 850 comentários foram

sobre a aparência, personalidade, vestuários ou sexualidade das atletas. Em contrapartida, quando a bola foi colocada fora de jogo, os comentaristas mudaram o foco de suas indagações: dos 849 comentários feitos, 44% (379) dos comentários foram sobre o jogo, diferente dos 76% feitos enquanto a bola estava em jogo. Os comentários sobre aspecto pessoal das atletas também sofreu alterações, agora 15% (132) dos comentários foram sobre a força física, 8% (66) sobre o histórico das jogadoras e sobre a outra equipe foram 25% (213). Comentários relacionados sobre a aparência, personalidade, traje ou sexualidade da jogadora aumentou de 1% para 3% (24 dos 849). Em relação aos comentários pessoais, a grande maioria (81%) foram feitos sobre as atletas do sexo feminino da equipe americana, 6% para a equipe brasileira e 4% para a equipe norueguesa (BISSELL, 2013).

No total foram analisados 1.737 imagens dos cinco jogos de voleibol de praia feminino, destes 8% das imagens reproduziram a quadra inteira, 16% foram de meia quadra, 10% exibiram um terço da quadra, 54% das imagens foram focadas nas atletas e 10% com zoom (BISSELL, 2013).

Tabela 1. Frequências de filmagens na quadra de todos os jogos de vôlei de praia feminino durante os Jogos Olímpicos de Verão de 2008

TIPOS DE FILMAGENS	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM
Quadra inteira	147	8%
Meia quadra	254	16%
Um terço da quadra	168	10%
Câmera fechada	942	54%
Zoom na atleta	182	10%
Outros	44	2%
TOTAL	1.137	100%

Tabela traduzida por Thiago Mildemberg

FONTE: BISSELL; SMITH, (2013)

Bissel (2013) relatou que as imagens mostravam partes específicas do corpo das atletas e foram transmitidas quando a bola não estava mais em jogo, principalmente na parte superior do corpo da mulher. A maioria das imagens foi especificamente sobre o corpo das atletas, por outro lado os comentários dos narradores esportivos sobre o corpo das mulheres foi minoria. Em alguns casos, as imagens foram mais focadas na parte superior da mulher e em suas nádegas, mas

os comentários no momento que estava passando essa imagem não enfatiza nenhum atributo físico sobre a jogadora. O autor relata que a objetificação da atleta pode ocorrer, na maior parte, pelos próprios espectadores, pois são mais concentrados nos aspectos visuais do jogo, do que nos aspectos sonoros.

Como Bissell e Duke (2007) relataram, apenas algumas imagens focadas nas nádegas ou peitos das jogadoras já são responsáveis por distrair os espectadores ou induzir que eles tenham um pensamento sobre as jogadoras como um objeto e não como um sujeito.



Jogos Olímpicos de Atenas-2004: detalhe do jogo entre as brasileiras Sandra e Ana Paula e as norueguesas Canet e Hamel

FONTE: O Globo

Comparando com os estudos de Bissell e Duke (2007) sobre os jogos de voleibol feminino nas Olimpíadas de Atenas, as imagens como foco no peito ou nas nádegas das jogadoras caíram de 25% em 2004, para 20% em 2008, nos Jogos Olímpicos de Pequim. Por exemplo, 93 das 1339 imagens eram focadas no rosto

das jogadoras dos EUA. No jogo entre Brasil e Noruega, ocorreu mais imagens focadas em partes específicas do corpo, como nádegas e peito, comparando com os outros jogos analisados. Quando o jogo analisado envolvia a equipe americana, apenas 1% das imagens eram focadas nas nádegas e peitos das atletas, já no jogo entre Brasil e Noruega essa porcentagem aumentou, ficando em 8% do total de imagens (BISSELL, 2013).

Foi concluído nesse estudo que alcançar a igualdade entre gêneros nos esportes, ainda será uma grande luta, principalmente para as atletas do sexo feminino, pois a mídia e os espectadores concentram-se nas partes do corpo da mulher, que deveria ser um sujeito esportivo (BISSELL, 2013).

2.4 O VOLEIBOL DE PRAIA FEMININO: UNIFORME

O voleibol de praia é um esporte, que na maioria das vezes, é transmitido pela rede de televisão em horários de grande audiência, apresentando mulheres atletas (ao invés de adolescentes, como na ginástica) e corpo das mulheres é espetacularizado (BISSELL, 2013).

Estudos realizados durante os Jogos Olímpicos de 2004 (BISSELL; HOLT, 2005) fizeram uma análise da cobertura visual de atletas femininas do voleibol de praia publicadas na NBC.com, ESPN.com e CNN.com, e grande parte das coberturas em geral enfatizava o traje das atletas. Também foi relatado que nas imagens de divulgação dos jogos o enquadramento utilizado, geralmente, focava nas nádegas da atleta quando ela se inclinava para receber o saque da dupla adversária (BISSELL; DUKE, 2007). Em 2005, Bissell e Holt relataram que a imagem das campeãs olímpicas de 2004 rodaram o mundo, com muita conotação sexual. Também os autores (BISSELL; DUKE, 2007), relataram que os ângulos das câmeras durante as transmissões objetificou o corpo da mulher, concentrando as imagens em partes específicas do corpo da atleta, como peito e nádegas, ao invés de todo o corpo, reforçando que algumas vezes a sexualidade da atleta é mais importante que o seu desempenho técnico.

A Federação Internacional de Voleibol (FIVB) é a organização responsável por planejar as regras, sendo assim, também é a responsável pelas regras que regem o vestuário das atletas. Anualmente a FIVB libera um manual de regras que deve ser

seguido internacionalmente. Nesse manual encontra-se as imposições sobre os trajes que as atletas precisam utilizar.

O capítulo 4 do manual da FIVB (2018) fala sobre o marketing do voleibol de praia e mais especificamente na cláusula 7 é fornecido as regras para a utilização do uniforme oficial. Na cláusula “7.5 Uniforme dos Atletas”, diz o seguinte:

- O uniforme feminino para todos os eventos de vôlei de praia da FIVB consiste em:
 - b. Tops e biquínis e eventual acessórios. A organização deve distribuir o material acima para os atletas durante a Investigação Preliminar e durante o evento.
- Todos os uniformes masculinos e femininos devem corresponder aos padrões indicados.

Na cláusula “7.6” Top das mulheres”, diz o seguinte:

- Estilo: O estilo dos tops deve ser conforme os layouts exibidos.
- O top deve estar colado no corpo e o design deve estar com cavas profundas na parte de trás, sempre respeitando o espaço para as marcações exigidas.



Fonte: Manual da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) 2018

Na cláusula “7.8 Direitos e Obrigações dos atletas” diz o seguinte:

- Os atletas devem usar o top oficial fornecido pelos promotores em todos os momentos

e. Atletas mulheres devem usar biquíni que esteja de acordo com o diagrama, ajuste-se bem e corte-o em um ângulo ascendente em direção ao topo da perna. Os modelos devem ser feitos de material elástico, de preferência de Lycra® ou combinação de Lycra® / algodão ou qualquer outro material sintético de qualidade similar.

-A pedido do Delegado Técnico da FIVB, os atletas devem enviar seus calções/biquíni (traje de peça única) para aprovação durante o Inquérito Preliminar. Após o Inquérito Preliminar e, a menos que especificamente autorizado por escrito pelo Delegado Técnico da FIVB e pelo promotor, atletas não estão autorizados a incluir o logotipo / nome de qualquer novo patrocinador em seus shorts (ou maiô de uma peça), nem celebrar acordos com empresas que desejam assinar com eles no último minuto.

- Atletas devem usar seus tops oficiais imediatamente após um jogo em todos os momentos dentro do local para entrevistas. Uma multa de USD 300 será aplicada somente se a atleta não usa seu top para as entrevistas obrigatórias após o jogo.

Todo ano após as competições a FIVB lança em seu site o Guia de Mídia, nele pode-se encontrar as informações sobre os eventos que ocorreram no último ano de competições. Esse guia contém fotos, resultados, curiosidades e as mudanças de regras que ocorrem ano após ano, com o intuito de transformar o esporte cada vez mais em um espetáculo.

Algumas perguntas frequentes são colocadas no Guia de Mídia. O último lançado foi o de 2017 e nele se encontra a seguinte pergunta: Por que a FIVB exige que as mulheres joguem de biquíni? A Federação respondeu da seguinte maneira:

As mulheres têm a opção de jogar com uniforme de uma ou duas peças. Em 1989, elas usavam um uniforme de uma peça. A partir de 2012, as mulheres têm a opção de usar shorts e camiseta, de acordo com as especificações (FIVB/MEDIA GUIDE, 2017, p 43).

Seguindo a leitura desse guia, encontramos as regras e mudanças de regras. Nesse tópico do Guia encontramos as seguintes informações:

A partir de 2012 a FIVB alterou seu regulamento sobre os uniformes para as mulheres, dando as jogadoras três escolhas extras. Os jogadores podem usar bermudas com um comprimento máximo de 3cm acima do joelho com tops com mangas ou sem mangas ou um traje de corpo inteiro. Isto é para respeitar os costumes e/ou crenças religiosas dos países. Anteriormente, havia somente duas opções para jogadores do sexo feminino, um maiô ou um biquíni com uma largura lateral máxima de 7cm. Um traje de corpo inteiro também pode ser usado sob o biquíni no tempo frio (FIVB/MEDIA GUIDE, 2017, p 48).

Em 2012, durante os Jogos Olímpicos de Londres, a temperatura baixa noturna fez com que a maioria dos atletas utilizasse calça e camiseta, inclusive a dupla feminina da Austrália.



Imagem: Ryan Pierse/GettyImages

Uniforme utilizado pela dupla brasileira em uma das etapas do Circuito Mundial de Voleibol de Praia, realizado em 2015. A moda praia sempre fez parte do esporte. Agora a tendência dos biquínis nos é com os lacinhos na parte lateral.



Foto: Mike Carlson-21.jun.2015/Getty Images/AFP

Uniforme utilizado nos Jogos Olímpicos Rio-2016 pelas jogadoras egípcias em sua primeira participação nos Jogos Olímpicos:



Egito x Alemanha: Doaa Elghobashy e Kira Walkenhorst disputam bola na rede

(Foto: REUTERS/Lucy Nicholson)

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo é de natureza qualitativa e de caráter descritivo. O método qualitativo é usado para interpretar falas e/ou depoimentos colhidos por intermédio de entrevistas com a finalidade de obter um significado para o que está ocorrendo em determinada realidade social. A pesquisa qualitativa é realizada em um ambiente natural e o pesquisador é o principal instrumento para coleta e análise dos dados (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2007).

A pesquisa de caráter descritivo caracteriza-se pela formulação de questões diretas para uma amostra representativa de sujeitos por meio de um roteiro previamente elaborado. Tem por objetivo a identificação de opiniões, valores, condutas, vivências, etc. (CRESWELL; CLARK, 2013).

3.2 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa 10 atletas de voleibol de praia feminino, 2 técnicos que trabalham com duplas femininas e 2 organizadores de eventos de voleibol de praia, totalizando 14 indivíduos.

3.2.1 Critérios de Inclusão

- a) Ser maior de 18 anos de idade.
- b) Ser atleta de voleibol de praia registrada na Federação Paranaense de Voleibol/Confederação Brasileira de Voleibol/Federação Internacional de Voleibol.
- c) Ser técnico de voleibol de praia registrado na FPV/CBV.
- d) Ser organizador de eventos oficiais de voleibol de praia.

3.2.2 Critérios de Exclusão

- a) Jogadoras, técnicos e organizadores que não responderem ao questionário por completo.
- b) Participantes que não assinarem o TCLE.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

3.3.1 Instrumentos

Foi utilizado para a coleta de dados o recurso da entrevista. Para tal, utilizamos como instrumento um questionário adaptado (AFONSO, 2011). O questionário foi dividido em três categorias de participantes, jogadoras, técnicos e organizadores. Todos os sujeitos entrevistados fazem parte do campo do voleibol de praia. O conteúdo das perguntas e o número de questões para cada categoria foram diferentes, por exemplo, para as jogadoras foram 12 perguntas; para os técnicos foram 14 perguntas; e para os organizadores foram 11 perguntas. Todas as perguntas para todas as categorias foram discursivas.

O questionário foi usado com a finalidade de obter dados para verificar como as mulheres se sentem em relação ao uniforme de jogo e como elas enxergam a objetificação pela televisão sobre seus corpos; identificar o que os técnicos das equipes femininas pensam com relação a objetificação das suas atletas pela televisão; detectar o planejamento dos organizadores dos eventos, verificando quais são as suas principais estratégias. O tempo usado para que os participantes respondessem ao questionário foi de, aproximadamente, 20 minutos.

3.3.2 Procedimentos

Primeiramente, foi feito o contato com os participantes via telefone, oportunidade usada para a apresentação dos pesquisadores e também da intenção da pesquisa, logo em seguida, foi enviado um e-mail contendo a Carta de Apresentação (apêndice 1), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice 2), e também o questionário (apêndice 3, 4 e 5).

Após a leitura e assinatura do TCLE, os participantes responderam ao questionário pelo computador e o enviaram ao pesquisador responsável, juntamente com o TCLE.

3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS

Os riscos relacionados ao estudo são mínimos. Um dos possíveis riscos pode ser um constrangimento no momento de responder ao questionário. A fim de minimizar esses possíveis riscos, os participantes foram esclarecidos de que seus nomes não serão divulgados e que todos os dados utilizados para a realização desta pesquisa são confidenciais. Os dados foram armazenados em um computador com senha que somente o pesquisador possui acesso.

Como benefícios, os participantes podem refletir sobre como o corpo da mulher atleta de voleibol de praia vem sendo transmitido pela mídia, especialmente pela televisão. Através dessa reflexão e, junto com os resultados da pesquisa, os participantes podem ficar mais atentos em relação à objetificação da mulher pela televisão, no voleibol de praia e, dessa forma, ajudar a diminuir os fundamentos da dominação masculina.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa por meio da Teoria da Dominação Masculina, proposta por Pierre Bourdieu (2007), com uso dos seus principais conceitos, tais como, violência simbólica, poder simbólico, androcentrismo, organização binária, entre outros.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os resultados das entrevistas com as atletas, os técnicos e os organizadores de voleibol de praia e ocorrerá a discussão logo em seguida.

Os primeiros resultados e discussões apresentadas serão em relação ao questionário respondido pelas atletas de voleibol de praia. As questões de 1 a 4 foram colocadas no questionário com o intuito de introduzir o tema para os participantes da pesquisa, a partir da questão 5 as perguntas são mais focadas no objetivo geral do trabalho. Segue as respostas da questão 1:

Questão 1: Por que você escolheu treinar voleibol de praia e não outra modalidade?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	"... vi na praia uma oportunidade de virar profissional."
Atleta 2	"... resolvi treinar porque achei bem desafiador. Dinâmico. Melhora da resistência física."
Atleta 3	"Migrei para o vôlei de praia, pois tive um convite da CBV para integrar o projeto de renovação que foi criado."
Atleta 4	"Acho que no vôlei de praia os atletas têm mais oportunidade de se destacar por não ter tanta concorrência..."
Atleta 5	"Escolhi o voleibol de praia nesse momento por ser mais dinâmico, não precisar de tantas pessoas para jogar e por ser um esporte que se joga na praia."
Atleta 6	"Acredito que me apaixonei pelo esporte de tanto assistir."
Atleta 7	"Gosto de vôlei de praia, porque a responsabilidade é maior, entre duas pessoas."
Atleta 8	"Pela flexibilidade."
Atleta 9	"Porque a dupla lhe traz mais responsabilidade e é mais dinâmico, pois sempre participa da jogada, é também mais fácil de administrar conflitos."
Atleta 10	"Eu treinava vôlei de quadra, quando acabou as chances de me tornar jogadora pela quadra, optei pelo vôlei de praia."

QUADRO 1 : ESCOLHA DA MODALIDADE ESPORTIVA
 FONTE: O AUTOR (2018)

Nesse quadro, foi verificado o motivo pelo qual as atletas escolheram treinar e se tornar atleta dessa modalidade. As participantes viram o voleibol de praia como uma oportunidade maior de se tornar profissional, também relataram que a responsabilidade entre a dupla é maior, sendo assim tornando o esporte mais dinâmico que o voleibol. Também foi relatado que um dos motivos para o início do

treinamento nessa modalidade foi pelo espetáculo que é transmitido pela mídia. Tema que será abordado nesse capítulo ainda.

Em seguida, foi verificado sobre a transição do voleibol para o voleibol de praia. Segue as respostas da questão 2:

Questão 2: Você iniciou a sua carreira no voleibol ou voleibol de praia? Se foi no voleibol, como foi a sua transição para o voleibol de praia?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“A transição foi muito tranquila, porque comecei muito cedo a praticar a modalidade.”
Atleta 2	“A transição no início foi um pouco difícil porque na verdade é um esporte diferente da quadra. Estratégia. Regras. Treinamento.”
Atleta 3	“A transição foi difícil e lenta.”
Atleta 4	“... fui sem saber muito e me apaixonei pelo esporte.”
Atleta 5	“... agora estou migrando para o vôlei de praia, mas não é fácil, o vôlei indoor não ajuda em nada e sim dificulta o vôlei de praia, por serem duas modalidades bem distintas.”
Atleta 6	“A transição foi complicada porque sempre tive as manias do vôlei de quadra que acabei levando para o vôlei de praia. Na realidade são dois esportes distintos, cada um com suas peculiaridades.”
Atleta 7	“Iniciei no voleibol, na verdade ainda jogo, minha fundamentação foi na quadra, tomei gosto pelo vôlei de praia quando participei de uma competição pequena na minha cidade.”
Atleta 8	“Comecei a trabalhar e o vôlei de quadra não daria para conciliar. No vôlei de praia eu consigo fazer meus próprios horários.”
Atleta 9	“Iniciei no voleibol de quadra, e nos finais de semana montamos um grupo para jogar areia. Atualmente pratico os dois, e participo de campeonatos em ambas as modalidades.”
Atleta 10	“A transição foi muito difícil, pois só parecem esportes iguais, mas é totalmente diferente. Eu tive que “aprender” a jogar de novo. Tirando a parte física que é bem mais importante no vôlei de praia do que no de quadra.”

QUADRO 2 : TRANSIÇÃO DE MODALIDADES
FONTE: O AUTOR (2018)

Todas as atletas dessa pesquisa iniciaram a sua carreira no voleibol e metade delas relataram que a transição para o voleibol de praia foi muito difícil. Essa dificuldade em mudar de um esporte para o outro é comum, pois são modalidades que, aparentemente, são parecidas, mas na verdade são bem distintas. Estratégias, regras e treinamento sofrem algumas mudanças quando o voleibol é praticado na praia, bem como a aptidão física do atleta difere. No voleibol de praia, o físico do atleta é exigido mais, por ser uma modalidade praticada na areia, sob o sol e também por ter menos jogadores na quadra, à responsabilidade é dividida por duas atletas e não em 14 jogadores, como é no voleibol.

Na próxima questão, foi abordado sobre ser atleta de voleibol de praia em nosso país. Segue as respostas da questão 3:

Questão 3: Como é ser atleta de voleibol de praia, no Brasil?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“Complicado, apesar de ser um esporte tão vencedor. Os patrocinadores são pra uma minoria que precisou conquistar muita coisa pra ter o reconhecimento. Precisamos investir para conquistar e não conquistar para investirem.”
Atleta 2	“Em Curitiba existem poucos lugares aonde se oferecem treinamento.”
Atleta 3	“Ser atleta no Brasil de um modo geral é difícil, isso piora no vôlei de praia, pois ainda é um esporte “amador”. Em que praticamente todos os atletas têm que se bancar em todos os sentidos, são poucos os atletas que tem patrocinador ou incentivo. Nos dias de hoje piorou, com a diminuição do numero de etapas do circuito e com a diminuição da premiação.”
Atleta 4	“Olha acho boa, mas acho que as cidades ainda pecam muito em questão de estrutura e incentivo, pois muitas pessoas nem sabem que na cidade tem essa modalidade que também é olímpica, as pessoas são muito focadas em futebol e vôlei de quadra...”
Atleta 5	“Ser atleta de vôlei de praia não é fácil, pois exige muito do preparo físico, resistência física, habilidade técnica e condição ambiental.”
Atleta 6	“De um modo geral não acho fácil ser atleta de qualquer modalidade no Brasil.”
Atleta 7	“... não é muito fácil, pois algumas cidades não têm a estrutura adequada para manter, até mesmo porque o vôlei de praia sem incentivo financeiro desmotiva o atleta.”
Atleta 8	“Difícil. A gente banca tudo. Desde equipe até passagem para as viagens. Eu sinceramente só jogo porque comecei a pouco tempo, então ainda estou me adaptando para ver se consigo ir mais longe.”
Atleta 9	“Ainda falta investimento. Aqui na região sul o clima não favorece. As etapas do circuito BB reduziram...”
Atleta 10	“Extremamente difícil, pois não temos apoio, então acaba saindo tudo do nosso bolso, as viagens, técnico, preparador, nutricionista, etc.”

QUADRO 3 : COMO É SER ATLETA NO BRASIL
FONTE: O AUTOR (2018)

“De um modo geral não acho fácil ser atleta de qualquer modalidade aqui no Brasil.” A resposta da atleta 6, é de um modo geral, o que a maioria das atletas responderam. Quando questionadas sobre ser atleta de voleibol de praia, todas responderam que é difícil e que encontram algumas dificuldades ao se profissionalizar. Metade das atletas relataram que a maior dificuldade é em relação ao baixo patrocínio oferecido a elas, por esse motivo, elas precisam pagar os custos sozinhas, como: pagar o técnico, nutricionista, preparador físico e viagens, sendo assim, está é uma dificuldade no processo de profissionalização. Outro fator que

elas relataram, é em relação às estruturas oferecidas para o esporte. São poucos os espaços disponibilizados para o treinamento, como relata a atleta 2: “Em Curitiba existem poucos lugares aonde se oferecem treinamento.” Com isso, a falta de motivação e investimento na modalidade faz com que, algumas atletas, desistam de se profissionalizar e pratiquem a modalidade apenas como um hobby.

A seguir, será apresentado o quadro sobre as diferenças de ser atleta em competições nacionais e internacionais. Segue as respostas da questão 4:

Questão 4: Como é ser atleta de voleibol de praia em competições nacionais? E internacionais? Quais são as diferenças?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“A diferença é que alguns atletas investem seu próprio dinheiro para jogar internacionalmente, muitos têm condições técnicas para jogar,mas financeiramente está cada vez mais inviável.”
Atleta 2	“Nunca joguei. Apenas os locais.”
Atleta 3	“Em competições nacionais não via pressão de torcida ou algo do gênero, a pressão era minha comigo mesmo para atingir meus objetivos. Já lá fora tinha uma pressão, por menor que fosse o torneio estávamos representando nosso país...”
Atleta 4	“Eu gosto bastante tive a experiência de jogar uma etapa do Circuito Brasileiro de Vôlei de Praia e fiquei muito feliz por ver vários estados com atletas da mesma modalidade que eu. Já Internacionais espero estar jogando daqui alguns anos deve ser uma experiência maravilhosa você poderá conhecer outras culturas e línguas e ver que o esporte proporciona isso pra gente.”
Atleta 5	“... Internacionalmente a estrutura, toda tecnologia investida e o clima estável são fatores fortíssimos de investimento e com isso os atletas conseguem mais retornos em campeonatos.”
Atleta 6	“Nunca tive oportunidade de participar de vôlei de praia em competições internacionais.”
Atleta 7	“Tem um peso muito grande para representar seu estado ou país. Mais muito gratificante.”
Atleta 8	“Ainda não participei de nenhuma competição de vôlei de praia fora do país. Participei de um mundial, que foi aqui no Brasil. A organização é bem diferente e bem mais profissional.”
Atleta 9	A atleta não respondeu a questão.
Atleta 10	“Eu acredito que não tenha diferenças significativas. Pois você tem que estudar o adversário da mesma forma, se concentrar igual, se alimentar bem. Diria que o mais difícil de uma competição internacional, é se adaptar com o clima e a cultura do local onde jogamos.”

QUADRO 4 : AS DIFERENÇAS DE COMPETIÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS.
FONTE: O AUTOR (2018)

Nessa questão, foi perguntado as atletas quais são as diferenças em participar de competições nacionais e internacionais. Apenas 3 das entrevistadas tiveram a oportunidade de participar de alguma competição fora do país e relataram diferenças como: “... Internacionalmente a estrutura, toda tecnologia investida e o clima estável são fatores fortíssimos de investimento e com isso os atletas conseguem mais retornos em campeonatos.”, relatou a atleta 5. Outra diferença citada foi à pressão de jogar representando seu país, que é muito maior quando se joga dentro de casa. A grande diferença notada entre as competições nacionais e internacionais é a estrutura apresentada por cada competição. No Brasil, temos algumas duplas que estão entre as melhores do mundo, porém ainda ficamos em desvantagem, em relação a outros países, quando o assunto é investimento para a modalidade.

A seguir, será apresentado sobre como o voleibol de praia vem sendo transformado em um esporte espetáculo. Segue as respostas da questão 5:

Questão 5: Por que o voleibol de praia faz tanto sucesso?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“A dinâmica do esporte é atrativa, o local, os atletas. Um conjunto de fatores o tornam um esporte fantástico.”
Atleta 2	“Acho que por ser um esporte praticado ao ar livre. Não ser necessário uma equipe grande para se jogar. Não exige muitos equipamentos. Precisar apenas de um espaço com areia. Ser dinâmico.”
Atleta 3	“Porque o vôlei de praia é um evento, uma festa! Feita para entreter o público, e nós atletas fazemos parte desse “show”. A energia é diferente!”
Atleta 4	“Acho que como é um esporte de dupla e muito visto nos litorais faz sucesso por isso, pois você tendo um shorts, biquíni e um top pra jogar você pode jogar, não tem tanta necessidade de acessórios.”
Atleta 5	“Por ser um esporte de jogo rápido, de vibração, superação e que contagia a todos. Não podemos esquecer que com certeza na modalidade feminina o que chama atenção nem é o voleibol que se joga e sim os trajes que as mesmas usam para jogar que chama mesmo a atenção.”
Atleta 6	“Acho que pela beleza do esporte, alegria da arena e pelos jogos serem bastante disputados.”
Atleta 7	“A influência da mídia contribui muito para o crescimento do sucesso.”
Atleta 8	“O circuito brasileiro é um diferencial. Isso faz com que nós, atletas, tenhamos mais ritmo e mais experiência.”
Atleta 9	“Ambiente, arena com público muito próximo, clima acabam favorecendo o esporte.”
Atleta 10	“... mas acredito que ele faz sucesso porque são jogos quase sempre emocionantes. E não podemos deixar de falar que as melhores duplas do mundo se encontram aqui no Brasil.”

QUADRO 5 : O SUCESSO DO VOLEIBOL DE PRAIA
 FONTE: O AUTOR (2018)

Quando foi perguntado sobre o motivo do voleibol de praia ter se tornado um sucesso, as principais respostas que aparecem entre as jogadoras são: o espetáculo que o esporte oferece nas arenas e através da mídia e também sobre os uniformes femininos. Esse uniforme, composto por biquíni e top, é um atrativo que a mídia usa para vender o produto, ou seja, capitalizar o voleibol de praia feminino.

Balsamo (1996), relata que a publicidade esportiva destaca as capacidades atléticas e o poder do corpo das mulheres atletas, mas ao mesmo tempo, objetifica o corpo feminino.

O sucesso do voleibol de praia se dá através do seu espetáculo, ofertado ao vivo e pela mídia, tendo como um dos principais atrativos o apelo sensual das jogadoras. Essa é uma característica do espetáculo esportivo e no caso do voleibol de praia, o público participa das animações do evento com bastante espontaneidade e vontade (AFONSO, 2011).

No próximo quadro será apresentado sobre as particularidades do voleibol de praia na visão do espectador, principalmente entre visualizar um jogo ao vivo, direto da arena e também como é assistir a modalidade transmitida pela TV. Segue as respostas da questão 6:

Questão 6: O que você acha do espetáculo do voleibol de praia ao vivo? E transmitido pela TV?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“A transmissão pode explorar melhor a imagem do atleta, passando informações corretas e enaltecendo sempre o espetáculo. Ao vivo pode ser melhorada a questão de interatividade com o torcedor.”
Atleta 2	“Eu adoro o clima, o alto astral com música e o apresentador/animador. Interação com a torcida. Na TV a vantagem que conseguimos ver todos os lances. Replays.”
Atleta 3	“O vôlei de praia é um evento e quando você assiste um jogo ao vivo na arena a energia é de outro mundo. O barulho da torcida, o DJ que interage, sentir a vibração dos atletas...tem uma certa adrenalina no ar. Já ver pela TV você não sente nada disso, esta ali “apenas” assistindo o jogo, o lado positivo é que temos direito aos replays.”
Atleta 4	“Maravilhoso eu sinto como se fosse eu dentro de quadra, apesar de não ter tanto na TV, pois a maioria das emissoras dão prioridade ao futebol.”
Atleta 5	“...nem se compara a emoção de estar ali com os atletas vibrando, torcendo e sentindo toda aquela emoção de estar na arena e esse tipo de emoções não tem como a televisão transmitir.”
Atleta 6	“Ao vivo você sente mais a energia dos atletas e do próprio ambiente da praia, mas acho que pela TV também tem as vantagens da reprise e da narração mais técnica.”
Atleta 7	“A sensação de você poder estar ao vivo sua emoção aumenta, pois está presenciando o real, pela TV, também tem emoção, mas não tanto como presenciar ao vivo.”
Atleta 8	“Eu adoro assistir na televisão. Acho mais emocionante.”
Atleta 9	“Ao vivo é mais intenso, calor da torcida participando de cada jogada. Na TV fica mais distante, mas tem a possibilidade de replay o que também é legal.”
Atleta 10	“Acho maravilhoso e acredito que poderiam até transmitir mais, aumentando assim a visibilidade do nosso esporte.”

QUADRO 6 : VOLEIBOL DE PRAIA COMO ESPORTE ESPETÁCULO
FONTE: O AUTOR (2018)

Nas respostas da questão 6, quando foi perguntado quais são as diferenças entre o voleibol de praia ao vivo e o transmitido pela TV, a maioria das entrevistadas relataram sua preferência em assistir o esporte ao vivo, pela questão da torcida, pela proximidade das atletas e pelo clima dos espectadores e narradores dentro da arena. Porém relataram que gostam de assistir a modalidade pela TV, pois a jogada é repetida várias vezes através dos replays e por vários ângulos diferentes.

A hipótese para essas respostas seriam que as atletas notassem uma diferença que está sendo relatado em nosso estudo: a objetificação do corpo da mulher. Porém nenhuma respondeu com base nesse aspecto.

No próximo quadro, foi questionado as atletas sobre o uniforme de voleibol de praia feminino, segue as respostas:

Questão 7: Fale sobre o uniforme do voleibol de praia feminino.	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“Me acostumei, mas as mulheres são prejudicadas com relação ao espaço para expor possíveis patrocinadores.”
Atleta 2	“Acho que poderia ter outras opções. Fora top e biquíni. Por exemplo: shorts e regata.”
Atleta 3	“Acho normal para o esporte, enfrentamos temperaturas muito altas em certas etapas, estar de biquíni ajuda o corpo a não ferver muito.”
Atleta 4	“O uniforme oficial do vôlei de praia e sunquini/biquíni e legging para dias frios e top.”
Atleta 5	“Acho super legal e como o feminino joga de top e biquíni eu gostaria que o masculino pudesse jogar de sunga e sem regata.”
Atleta 6	“Acho que poderia ser mais confortável. Nem todas as atletas se sentem bem jogando com o uniforme oficial.”
Atleta 7	“Propício para o que se enquadra no âmbito esportivo.”
Atleta 8	“Hoje em dia não. O tamanho do biquíni é definido pela dupla. E o top, sinceramente é muito quente e incomoda bastante jogar de camisa.”
Atleta 9	“Acho adequado para o esporte.”
Atleta 10	“Uniforme tem tudo a ver com o esporte, pois jogamos de baixo do sol e não poderia ser diferente.”

QUADRO 7 : O UNIFORME FEMININO
FONTE: O AUTOR (2018)

Nessa pergunta, a proposta foi de saber quais as opiniões das atletas sobre os uniformes que elas utilizam durante os campeonatos de voleibol de praia feminino. 4 das entrevistadas julgam o uniforme como adequado para a modalidade, como a atleta 10 responde: “Uniforme tem tudo a ver com o esporte, pois jogamos de baixo do sol e não poderia ser diferente.” Mas nem todas estão contentes com o traje utilizado pela modalidade: 2 relataram que o uniforme é desconfortável, como cita a atleta 6: “Acho que poderia ser mais confortável. Nem todas as atletas se sentem bem jogando com o uniforme oficial.” Também foi relatado nessa questão, que 1 das jogadoras acham que se sentem prejudicadas pela falta de espaço para expor patrocinadores e 1 das entrevistadas sugerem que sejam fornecidas mais opções de uniformes para as competições.

A Federação Internacional de Voleibol (FIVB) é a organização responsável por planejar as regras, sendo assim, também é a responsável pelas regras que regem o vestuário das atletas. Anualmente a FIVB libera um manual de regras que deve ser seguido internacionalmente. Nesse manual encontra-se as imposições sobre os

trajes que as atletas precisam utilizar. O capítulo 4 do manual da FIVB (2018) fala sobre o marketing do voleibol de praia e mais especificamente na cláusula 7 é fornecido as regras para a utilização do uniforme oficial.

Em relação ao uniforme oficial durante as partidas, as atletas devem utilizar o top, de tamanho padrão, fornecido pela organização do evento e são autorizadas a escolher a parte de baixo do biquíni, com um tamanho máximo estabelecido pela FIVB. Após o ano de 2012, algumas regras sobre os uniformes foram alteradas. A discussão sobre essa regra será apresentada no próximo quadro.

Nessa pergunta, foi questionado as atletas sobre o conforto em utilizar o uniforme da modalidade. Segue as respostas da questão 8:

Questão 8: Em relação ao uniforme, você se sente incomodada com o tamanho do biquíni e top?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“Não.”
Atleta 2	“No meu caso sim. Acho pequeno e desconfortável para jogar.”
Atleta 3	“Dentro do limite permitido, cada atleta que escolhe o tamanho do biquíni que irá usar. Tem atletas que usam biquínis menores por escolha própria. Eu prezava pelo conforto e segurança, então não tinha como me sentir incomodada com algo da minha própria escolha. Já o top quem determina é o torneio em questão, as vezes incomodava por ser tamanho único e quem era grande sofria com o tamanho, pois ficava apertado.”
Atleta 4	“Não, pois acho que tudo pode se adaptar se você quer um tamanho maior e só conversar com sua dupla e chegar a um consenso.”
Atleta 5	“Hoje no momento me incomoda muito, pois como estou acima do peso esse tipo de uniforme não me serve e se for regra usar não poderei competir pois não tem como usar e isso não acontece somente comigo e sim com muitas atletas que desistem de jogar vôlei de praia pois a concepção que se passa por todas usarem esses trajes que só pode jogar vôlei de praia quem for somente magérrima e é essa concepção errônea que tem que ser desmitificada...”
Atleta 6	“Um pouco.”
Atleta 7	“Não.”
Atleta 8	“Hoje em dia não. O tamanho do biquíni é definido pela dupla. E o top, sinceramente, é muito quente e incomoda bastante jogar de camisa.”
Atleta 9	“Não.”
Atleta 10	“Nem um pouco. Pois o biquíni somos nos atletas que escolhemos o tamanho. E o top é sempre tamanho padrão.”

QUADRO 8 : O UNIFORME FEMININO COMO UM PADRÃO
FONTE: O AUTOR (2018)

Quando questionamos às atletas sobre o conforto e o incômodo em usar o traje para competir, 8 das entrevistadas não se sentem mal em usar o uniforme oficial e 2 das atletas não gostam de utilizar esse uniforme.

Desde 2012, a FIVB alterou seu regulamento em relação ao uniforme feminino, dando 3 opções para as atletas jogarem. Agora, elas podem usar shorts com um comprimento máximo de 3 cm acima do joelho com tops; um traje de corpo inteiro (costumes religiosos); ou o mais comum que é o biquíni.



Ana Paula em ação nos Jogos Olímpicos de Atenas-2004

FONTE: O Globo

No tênis feminino também está ocorrendo mudanças em seus uniformes, porém não tão positivas igual no voleibol de praia feminino. A tenista Serena Williams, em seu retorno as quadras após a gravidez, utilizou um uniforme composto de calça comprida bem colada ao corpo e uma blusa preta, modelo que geralmente não é utilizado pelas atletas femininas. O traje de Serena virou polêmica e o próprio Presidente da Federação Francesa de Tênis, Bernard Giudicelli, disse em entrevista que esse traje não seria mais aceito e frisou que os vestuários das atletas seguirão um código mais rígido e a direção precisará aprovar previamente os designs dos uniformes antes de serem usados (UOL ESPORTE, 2018).

Os corpos esguios combinados aos figurinos "femininos" se tornaram um atrativo no tênis e quem ousa não seguir esse padrão pré-estabelecido pode ser criticada e até mesmo proibida de vestir o que quiser. Apesar de tantas lutas travadas pelas mulheres, o tênis ainda as trata de maneira desigual e sexualizada.

O uniforme é pensado como parte do produto que compõe o voleibol de praia. É um dos atrativos da modalidade, pois é um diferencial entre outros esportes femininos. Por meio dele, a audiência na TV e ao vivo pode ser maior e ajuda o voleibol de praia a ser vendido como um produto televisivo (AFONSO, 2011). Bissell (2013) relatou que os zooms em partes específicas do corpo das atletas aconteciam quando a bola já não estava mais em jogo, durante uma comemoração por exemplo. Ressalta ainda que a objetificação da atleta pode ocorrer por meio dos espectadores, pois eles se concentram mais em aspectos visuais do que sonoros. Como Bissell e Duke (2007) relataram apenas algumas imagens focadas nas nádegas ou peitos das jogadoras já são responsáveis por distrair os espectadores ou induzir que eles tenham um pensamento sobre as jogadoras como um objeto e não como um sujeito.

No quadro a seguir, foi questionado as atletas sobre como é feito a vistoria dos uniformes durante a realização dos campeonatos. Segue as respostas das entrevistadas:

Questão 9: Como é feita a vistoria dos uniformes? É feita pela FPV/CBV/FIVB antes das partidas?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	"A Federação internacional tem uma regra de tamanho."
Atleta 2	"Não se aplica no meu caso."
Atleta 3	"Nunca presenciei nenhuma vistoria."
Atleta 4	"Feita pela CBV, mas todos os atletas que jogam campeonato nacional ou internacional já sabe como é o uniforme, mas o árbitro chega e avisa."
Atleta 5	"Não tenho como responder a essa pergunta, como disse não sou atleta de alto rendimento..."
Atleta 6	"Normalmente feita pela arbitragem."
Atleta 7	A atleta não respondeu a pergunta.
Atleta 8	"Quando entramos em quadra, os próprios árbitros verificam, eu acho."
Atleta 9	"Não sei."
Atleta 10	"Depende da competição que participa, se for nível estadual a FPV, nacional a CBV e internacional FIVB. E isso eu falo do regulamento, por que quando entramos em quadra são os árbitros que olham se os uniformes são iguais."

QUADRO 9 : VISTORIA DOS UNIFORMES
 FONTE: O AUTOR (2018)

A FIVB em seu Manual de 2017, na cláusula “7.8 Direitos e Obrigações dos atletas” relata que as atletas devem utilizar os uniformes oficiais especialmente o top, em todos os momentos antes ou após jogo para conceder as entrevistas para a mídia. Caso essa medida não seja seguida, uma multa de USD 300 dólares será aplicada e se ocorrer mais uma vez, a multa tem reincidência e vai cobrar USD 500 dólares e assim por diante.

Em seus relatos, 4 das atletas responderam que os árbitros fazem essa vistoria antes do começo de cada partida, 2 das atletas relataram que nunca presenciaram nenhum tipo de vistoria durante uma competição e 1 não sabe sobre a vistoria feita pela Federação/Confederação responsável pelo evento.

Geralmente, a maioria das atletas tem o conhecimento sobre as regras de uniformes que a Organização repassa para o campeonato, porém, na maioria dos casos, não ocorre a vistoria por parte da arbitragem e quando ocorre, é feita para avisar sobre a não igualdade entre os uniformes da dupla, mas dificilmente eles pedem para as atletas trocarem de uniforme por causa do tamanho, pois elas já vão uniformizadas de acordo com o padrão.

Seguindo a pesquisa, foi questionado as atletas se elas já precisaram fazer a troca de uniforme após ocorrer uma vistoria por parte da Organização da competição. Segue as respostas das atletas:

Questão 10: Você já precisou trocar de uniforme ou fazer ajustes no mesmo antes ou durante uma competição a pedido da Organização do evento ou da FPV/CBV/FIVB?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“Só seguir a regra da Federação Internacional.”
Atleta 2	“Não se aplica no meu caso.”
Atleta 3	“Já precisei pedir autorização para o arbitro para no meio do jogo colocar short, pois inesperadamente a menstruação veio e não tinha como sair no meio do jogo (pois nem existia banheiro praticamente, só aqueles químicos).”
Atleta 4	“Não, pois sempre fui com o uniforme estabelecido perante as regras da competição.”
Atleta 5	“... Teve uma competição que participei nível amador que estipularam um uniforme para usarmos que simplesmente mal serviria numamenina de 10 anos. O que eu fiz? Conversei com o organizador e solicitei que me deixasse que usasse uma roupa mais confortável e a resposta que tive: Tem que usar o uniforme dado, está no regulamento! ”E o que eu fiz? Fui embora muito aborrecida, pois tinha chance de ficar entre os primeiros colocados, mas acima de tudo o meu bem próprio sempre tem que vir em primeiro lugar e nunca mais participei desse campeonato.”
Atleta 6	“Sim, minha parceira estava de biquíni e eu de bermuda. Tivemos que ficar ou só de bermuda ou de biquíni as duas.”
Atleta 7	“Não.”
Atleta 8	“Não. Nunca.”
Atleta 9	“Não.”
Atleta 10	“Não, porque sempre tomo cuidado para que esteja igual ao da minha parceira.”

QUADRO 10: AJUSTE NOS UNIFORMES
FONTE: O AUTOR (2018)

Na pergunta anterior, foi questionado sobre a vistoria dos uniformes durante a competição e nessa questão, perguntamos se após essa vistoria as atletas precisaram fazer a troca de uniforme por pedido da Organização responsável.

Entre as entrevistadas, 6 relataram que tem conhecimento da regras sobre os uniformes e sempre seguem a mesma, então após as vitorias nunca precisaram trocar de uniforme. 1 das atletas responderam que já foi preciso fazer a troca, pois a dupla não estava com o uniforme igual. Também 1 das participantes relataram que desistiram de participar da competição, pois a Organização não abriu mão do uniforme que estava disponibilizando e não deixou a atleta jogar com outro top, como segue o relato da atleta 5:

“... Teve uma competição que participei nível amador que estipularam um uniforme para usarmos que simplesmente mal serviria numa menina de 10 anos. O que eu fiz? Conversei com o organizador e solicitei que me deixasse que usasse uma roupa mais confortável e a resposta que tive: Tem que usar o uniforme dado, está no regulamento! ”E o que eu fiz? Fui embora muito aborrecida, pois tinha chance de ficar entre os primeiros colocados, mas acima de tudo o meu bem próprio sempre tem que vir em primeiro lugar e nunca mais participei desse campeonato.”

Como já foi colocado em questão anteriormente, a partir de 2012 a FIVB alterou seus regulamentos sobre os uniformes do sexo feminino, dando às atletas três opções extras. Sendo assim, a Organização agiu de acordo com o regulamento, não deixando a atleta alterar o uniforme, pois era uma competição amadora.

Atualmente, o padrão de beleza no mundo esportivo é mais evidente, mas mesmo que um corpo bonito, ou padronizado, não garanta bons resultados, esses corpos recebem olhares da mídia. Esse padrão que a sociedade impõe faz com que algumas atletas sejam desvalorizadas tecnicamente e sejam apenas vistas como um corpo objetificado e sendo assim acabam deixando de lado a prática esportiva de forma profissional ou até às vezes de forma amadora (ALONSO, 2004).

A seguir, discutiremos as duas questões com maior grau de relevância para a presente pesquisa. Na questão 11, foi perguntado as atletas sobre as transmissões de voleibol de praia pela TV e suas particularidades. Segue as respostas das entrevistadas:

Questão 11: Quando você assiste aos jogos pela TV percebe algum tipo de diferença na transmissão entre voleibol de praia feminino e masculino? Se sim, quais são?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“Não.”
Atleta 2	“Não percebi.”
Atleta 3	“Sim, nos jogos femininos eles fazem questão de dar closes “mais íntimos” e não vemos isso no masculino.”
Atleta 4	“Sim. Pois raramente passa vôlei de praia na TV e os jogos da praia são mais rápidos e mais silenciosos pela questão de só ter duas pessoas dentro de quadra e não ter reserva para gritar fora.”
Atleta 5	“Sim, com certeza. Fora toda transmissão que se é feita do jogo em si, eles focam muito nos corpos das atletas por estarem de top e biquíni. Não vejo problema nenhum, por isso a minha sugestão do masculino jogar somente de sunga e coloca o número nela igual tem nos biquínis das atletas.”
Atleta 6	“Acho o masculino mais dinâmico.”
Atleta 7	“Não.”
Atleta 8	“Não.”
Atleta 9	“Não.”
Atleta 10	“Nenhuma diferença.”

QUADRO 11: DIFERENÇAS ENTRE JOGOS FEMININOS E MASCULINOS NA TV
 FONTE: O AUTOR (2018)

Quando foi questionado as atletas se elas percebem diferença na transmissão entre jogos de voleibol de praia feminino e masculino, as respostas foram as seguintes: 7 das atletas relataram que não veem diferença nenhuma e 3 das entrevistadas dizem que existe sim uma diferença na transmissão dos jogos pela TV. A atleta 3 relatou em sua entrevista: “Sim, nos jogos femininos eles fazem questão de dar closes “mais íntimos” e não vemos isso no masculino.”

Em seu estudo de 2007, Bissell analisou os comentários e ângulos das câmeras nos Jogos Olímpicos de Atenas e relataram que pelo menos 25% das imagens eram focadas em partes específicas do corpo das atletas, como nas nádegas e peito. É importante ressaltar que as imagens focadas no corpo das atletas foram vistas com maior frequência, comparando de um jogo para o outro.

A violência simbólica aparece no cotidiano de forma suave e quase imperceptível, dentro das várias categorias de entendimento, como por exemplo, a comunicação. Esse tipo de violência, através do androcentrismo explicado por Bourdieu, torna o masculino como medida de todas as coisas, tudo se torna natural e por isso muitas vezes não é contestada, inclusive por mulheres (BOURDIEU, 2010).

Um exemplo da violência simbólica dentro do esporte é o próprio salário das atletas. Bons resultados nem sempre são decisivos para definir quem ganha mais, ao menos quando se compara a premiação entre homens e mulheres no esporte. Na última temporada das principais modalidades, as mulheres com desempenho superior ao dos homens ainda faturaram muito menos do que eles. Em levantamento, o atleta mais bem pago chega a receber até 234 vezes mais que uma competidora na mesma posição. O problema não é só no futebol feminino dos Estados Unidos. Cinco vezes melhores do mundo, Marta e Messi têm contas bancárias muito diferentes. Ao faturar US\$ 26 milhões por temporada, o argentino ganha 65 vezes mais que a brasileira, que leva US\$ 400 mil anuais para atuar na Suécia (RIBEIRO, 2016).

Após verificar esses estudos durante as partidas femininas nos Jogos Olímpicos, consegue-se analisar que essa objetificação da mulher por meio das transmissões televisivas ocorrem com grande frequência. Mas dentro do campo esportivo, como Salvini (2012b) relatou, as mulheres estão com o intuito de lutar pela legitimidade de seu corpo, reforçar o “ideal feminino”.

Porém, como diz Saint Martin (2005, p. 330) “[...] a dominação não é apenas uma dominação de classe ou de grupos. É também uma dominação masculina”. E essa dominação implica nas transmissões televisivas, onde a grande maioria dos profissionais que estão trabalhando na televisão são homens e também onde a maioria dos espectadores são homens.

No próximo quadro, foi questionado as atletas sobre o assédio durante os jogos. Segue as respostas das entrevistadas:

Questão 12: Você já sofreu algum tipo de assédio durante a preparação para um jogo ou durante uma partida de voleibol de praia?	
ATLETAS	RESPOSTAS
Atleta 1	“Não.”
Atleta 2	“Eu particularmente não, mas já vi alguns homens tirando fotos e fazendo vídeos de algumas jogadoras que estavam de costas para eles e compartilharam esses vídeos e fotos com um grupo de amigos pela mídia social.”
Atleta 3	“Sim, inúmeras vezes. Principalmente no nordeste. E a mais marcante foi quando o torcedor, que estava na área dos atletas não parava de falar insultos grotescos para mim e ao lado estava meu namorado (meu marido hoje em dia) e meu namorado no início pedia para a pessoa parar e ter educação, a pessoa não parou e como desceu mais o nível dos insultos, com isso meu marido partiu para a agressão física, pois não aguentou ouvir o rapaz falar tudo o que estava falando para mim no meio da partida.”
Atleta 4	“Sim. Não só na praia quanto no quadra, tem pessoas que não tem senso e vão falar coisas que ofendem e mexe com nossa auto-estima: com biquíni, calça ou saia vão mexer. Então quando isso acontece eu finjo que não é comigo e me foco no meu jogo, pois estou lá para jogar e não para se irritar com pessoas mal educadas.”
Atleta 5	“Sim e isso nem é exclusividade do esporte vôlei de praia acontece em todos os esportes, mas sempre levei de boa, pois isso é uma situação que não me incomoda.”
Atleta 6	“Nunca.”
Atleta 7	“Não.”
Atleta 8	“Não.”
Atleta 9	“Não.”
Atleta 10	“Não.”

QUADRO 12: ASSÉDIO NO VOLEIBOL DE PRAIA FEMININO
FONTE: O AUTOR (2018)

Foi questionado as atletas se alguma já sofreu algum tipo de assédio durante a realização de alguma partida. Entre as entrevistadas 70% relataram que nunca sofreram nenhum tipo de assédio, já 30% nos disseram que sim, já sofreram algum tipo de assédio no esporte, como relata a atleta 3:

Sim, inúmeras vezes. Principalmente no nordeste. E a mais marcante foi quando o torcedor, que estava na área dos atletas não parava de falar insultos grotescos para mim e ao lado estava meu namorado (meu marido hoje em dia) e meu namorado no início pedia para a pessoa parar e ter educação, a pessoa não parou e como desceu mais o nível dos insultos, com isso meu marido partiu para a agressão física, pois não aguentou ouvir o rapaz falar tudo o que estava falando para mim no meio da partida.

Para as atletas que relataram que já sofreram algum tipo de assédio, segundo Bourdieu (2007), é uma violência institucional, que se caracteriza pela relação de poder, que também ocorre dentro do esporte elas estão sofrendo da dominação masculina e da violência simbólica, a qual Bourdieu define como uma violência que está incorporada nas estruturais mentais, estruturais corporais e estruturais sociais. O homem é o padrão, ou seja, a medida de todas as coisas, por exemplo: por que na igreja católica os cargos mais importantes são ocupados por homens? Por que não existe um papa mulher? Outro exemplo seriam as profissões masculinas, sempre transfiguradas e enobrecidas. No esporte não é diferente, as mulheres recebem um salário inferior, estão submetidas ao assédio e tudo isso devido à dominação masculina. Outro exemplo é na política: a maioria dos principais cargos é preenchida por homens.

Na TV existe o cargo de diretor de imagem, que é responsável por escolher quais são imagens serão divulgadas, principalmente as trocas de câmeras durante uma transmissão ao vivo, geralmente quem ocupa esse cargo são homens. Na mídia, os principais cargos, também são ocupados por homens (BOURDIEU, 2007).

Essa dominação masculina já está naturalizada na sociedade em que vivemos e o voleibol de praia, por estar inserido na sociedade é um espaço que acaba legitimando as práticas. Muitas vezes esse processo de dominação é encarado como natural, pois a violência simbólica já esta interiorizada nas próprias mulheres (BOURDIEU, 2010).

Bourdieu (2010) alega que o uso do corpo feminino (como na publicidade) continua evidentemente subordinado ao ponto de vista masculino, ou seja, permanece em posição de dominação, sem que as mulheres – agentes dominadas – se deem conta disso. Salvini (2012) também ressalta essa ideia, relatando que tal dominação não é evidente, e sim camuflada, a tal ponto que muitas vezes os que a sofrem não a percebem.

Algumas atletas ou as próprias agentes dominadas interiorizam esse conceito de dominação masculina e não dão conta do que pode estar acontecendo com o seu corpo durante as transmissões pela TV, pois as imagens objetificam as atletas e segundo Bourdieu (2010), isso é um tipo de violência simbólica.

O homem, na ordem natural do mundo, é visto como o dominante universal, e através disso ocorre à violência institucionalizada e que muitas vezes não é

contestada pela sociedade, inclusive pelas mulheres. Bourdieu (2007) mostra que a violência simbólica, acontece por adesão do dominado.

Em seu artigo, Salvini (2012b) trás sobre os fundamentos ocultos da dominação, dentre eles, a violência simbólica. Relata assim, uma violência silenciosa, porém dolorosa, realizada sem a percepção de quem está sofrendo, impondo de forma sutil a dominação.

Na discussão anterior, as atletas relataram sobre o voleibol de praia feminino e suas especificações, como o uniforme e o assédio nas partidas. A seguir, foi pesquisado o mesmo tema com os organizadores de eventos, ou seja, os Circuitos de Voleibol de Praia. Segue as respostas dos organizadores:

QUESTÃO	ORGANIZADOR 1	ORGANIZADOR 2
1. Por que você escolheu trabalhar com o voleibol de praia?	“Na verdade trabalho na FPV e tenho a certeza que devemos nos preocupar e fomentar a modalidade em que temos dois ícones do esporte. Agatha e Emanuel.”	“... por ver que no estado haviam poucos ou quase nenhum evento destinado a modalidade e nosso circuito começou em 2006 e este ano completou 12 anos de realização.”
2. Como é ser organizador de eventos de voleibol de praia.	“É complicado na parte técnica e de recursos financeiros, mas muito prazeroso com as equipe e pessoal envolvido nas etapas.”	“É gratificante, pois você vê o reconhecimento dos atletas e para mim que já estou na área de organização esportiva a mais de 20 anos, contribuir na formação e revelação de atletas...”
3. Existe diferença na organização de eventos de voleibol de praia feminino e masculino? Se sim, quais são?	“Na organização não, apenas na premiação da categoria adulto masculino é maior que a feminino devido a quantidade de duplas participantes, mas em 2019 já conseguiremos igualar.”	“Nos eventos que organizo não! Porém procuro sempre estar conversando com os atletas participantes para ver o que é melhor para eles e para o evento em si.”
4. Por que o voleibol de praia faz tanto sucesso?	“Penso que seja por ser um espetáculo e não apenas um jogo de vôlei na praia, temos a interação da torcida o tempo todo, é um show.”	“Ao meu ver pelo fato de unir o esporte e meio ambiente, no caso a praia, parques, praças entre outros espaços utilizados para competição e que nos remete a um ambiente de prazer, além do próprio prazer em praticar a modalidade.”
5. Quais as particularidades do voleibol de praia transmitido pela TV?	“Temos apresentação da arbitragem, dos atletas, interação do público, telão com replay, vários colaboradores envolvidos durante a etapa.”	“Vejo que o vôlei de praia é transmitido somente em canais fechados! A TV aberta raramente transmite algum jogo e quando acontece como foi o caso da final olímpica do Rio, o jogo foi transmitido à meia noite.”
6. Fale sobre o uniforme	“Por ser um esporte de	“Acredito que seja o

do voleibol de praia feminino.	verão normalmente, deixa as atletas mais livres para os movimentos técnicos e mostra a beleza feminina.”	grande diferencial sobre qualquer outra modalidade, inclusive os esportes aquáticos não utilizam uniformes como os do Vôlei de Praia feminino. Porém, acho que esta exposição do corpo feminino é uma forma de trazer a atenção para a modalidade e também prender a atenção do público masculino e da mídia em geral.”
7. Em relação ao uniforme das atletas, biquíni e top, você acha o modelo e tamanho ideais para a prática do voleibol de praia?	“Sim, por que geralmente em competições nacionais são entregues os tops de todos os tamanhos e o sunquíni cada dupla vai com seu de forma mais confortável possível. As dificuldades talvez culturais das duplas do sul apenas, no resto do país tudo normal.”	“Acho que todo uniforme antes de bonito deve ser confortável para a prática da modalidade! Se as atletas se sentem bem e os mesmos não atrapalham a sua performance estão aprovados.”
8. Como é feita a vistoria dos uniformes? É feita pela FPV/CBV/FIVB antes das partidas?	“No congresso técnico das etapas do paranaense. Nos eventos nacionais e da FIVB cada uma tem seu procedimento.”	“Acredito que exista nos regulamentos dos eventos de cada entidade as orientações sobre os uniformes tanto para as mulheres quanto para os homens! Geralmente os eventos fornecem os tops (no caso do nosso circuito oferecemos camisetas regatas femininas e masculinas) e os demais itens como bermuda, <i>sunquíni</i> e bonés são de modelos e patrocinadores dos próprios atletas.”
9. Nos eventos que você organizou, as atletas precisaram fazer alguma modificação no uniforme a pedido da Organização ou da FPV/CBV/FIVB? Se sim, qual foi?	“Dependendo da temperatura e clima as duplas podem jogar de bermuda ou <i>legging</i> , com autorização do delegado (Paranaense).”	“Na verdade não as atletas. Nós da organização fizemos uma modificação a pedido das próprias participantes. Ao invés de fornecermos o top passamos a fornecer camisetas regatas em todas as nossas etapas a pedido delas, pois

		algumas estavam incomodadas com as “gordurinhas localizadas” que ficavam a mostra e portanto a pedido delas fizemos esta alteração do uniforme.”
10. Quando você assiste aos jogos pela TV percebe algum tipo de diferença na transmissão entre voleibol de praia feminino e masculino? Se sim, quais são?	“Não.”	“Sim! As câmeras evidenciam muito o corpo da mulher, com “closes” durante a transmissão dos jogos, principalmente de fundo de quadra.”
11. Durante algum evento que você estava na organização, alguma atleta já relatou algum tipo de assédio antes ou durante uma partida?	“Não.”	“Não, nenhum em 12 anos de evento que realizamos! Pelo menos nunca foi relatado diretamente a nós da organização e não temos conhecimento de nenhum fato.”

QUADRO 13: OS ORGANIZADORES DE EVENTOS
 FONTE: O AUTOR (2018)

Na questão 1, o organizador 2 viu a necessidade de expandir o número de campeonatos em nosso estado, então começou a organizar o Circuito em sua cidade e já completa 12 anos de realização. Os campeonatos amadores que acontecem em cada cidade são grandes incentivadores da modalidade e fazem com que o esporte ganhe mais reconhecimento.

Quando questionado sobre como é ser organizador de eventos de voleibol de praia, ambos os organizadores responderam que é muito gratificante, porém o organizador 1 relatou que tem muitas dificuldades técnicas e principalmente financeiras, com relação a patrocínio. Ponto levantado pela maioria das atletas entrevistadas, que também relataram essa dificuldade.

Na questão 3 foi perguntado se há diferença em organizar eventos femininos e masculinos. Ambos os organizadores relataram que não tem diferença, porém o organizador 1 ressaltou que a premiação para o masculino é maior que para o feminino, pois o número de participantes na categoria masculina é maior. Ele também relatou que a situação está sendo regularizada para 2019. Porém essa diferença entre premiações não acontece apenas no voleibol, mas também em

outras modalidades esportivas, como é o caso do skate. No dia 28/01/19 circulou a foto dos dois vencedores de um torneio de skate, modalidade que será incluída nos Jogos Olímpicos de Tóquio-2020, com muitas críticas, pois a diferença na premiação masculina e feminina foi de R\$12 mil reais. Para o vencedor na categoria masculina o valor da premiação foi de R\$ 17 mil reais, enquanto para a campeã feminina do mesmo campeonato recebeu a premiação no valor de R\$ 5 mil reais. Em entrevista ao UOL Esporte, a atleta Yndiara Asp de 20 anos relatou:

Acho que mulheres têm o direito de receber os mesmos valores dos homens, a gente está fazendo a mesma coisa ali. Vemos que em muitas profissões existe desigualdade de salário, o mundo é machista, e no esporte também tem.

No voleibol também ocorre essa diferença entre premiações. No Grand Prix 2016, foram eleitos como MVP da competição, a atleta brasileira Natalia Pereira e na categoria masculina, o sérvio Markolvovic. Enquanto a MVP feminina recebeu um valor de USD 15 mil, o vencedor da categoria masculina recebeu um cheque no valor de USD 30 mil. Na foto de premiação do campeonato os atletas estão segurando um cheque, cuja premiação do atleta masculino é o dobro do valor que a atleta brasileira recebeu, além do mais, na foto o atleta está acompanhado por três belas moças sorridentes e vestidas com um uma saia curta (FIVB, 2016). Esses exemplos demonstram como a dominação masculina está presente no campo esportivo, na forma de violência simbólica, que é um conceito que está dentro da dominação masculina, explicado por Bourdieu (2007) e é um meio do exercício do poder simbólico.

A publicidade também é uma forma de induzir a violência simbólica. A seguir veremos a divulgação do Circuito Paranaense de Voleibol de Praia que ocorrerá entre os dias 29 de novembro a 01 de dezembro, em Foz do Iguaçu – Paraná. Nessa divulgação, o que chama a atenção é a premiação masculina e feminina. Enquanto os campeões masculinos receberão R\$ 400 reais, as campeãs femininas irão receber R\$ 300 reais. Mais uma vez, verificamos a violência simbólica no voleibol de praia, espaço social onde as atletas femininas estão submetidas a um prêmio menor do que os homens, em uma mesma competição.

**29 de novembro a
1º de dezembro**
FOZ DO IGUAÇU
Complexo Esportivo Costa Cavalcanti
Rua Lisboa, 510 - Jardim Alice

**FEDERAÇÃO PARANAENSE
VOLEIBOL**

**CIRCUITO PARANAENSE DE
VÔLEI DE PRAIA**

CATEGORIAS
ADULTO
SUB-19
SUB-17

INSCRIÇÕES
As inscrições devem ser enviadas
para: dt@voleiparana.com.br

Nas categorias Sub-17 e Sub-19,
a inscrição custa R\$ 40,00 para
duplas filiadas e R\$ 60,00 para
não-filiadas.

No Adulto, a inscrição custa
R\$ 70,00 para duplas filiadas e
R\$ 120,00 para não-filiadas.

PREMIAÇÃO
Adulto
Masculino
1º Lugar / Troféus / R\$400,00
2º Lugar / Troféus / R\$200,00
3º Lugar / Troféus / R\$ 100,00
Feminino
1º Lugar / Troféus / R\$300,00
2º Lugar / Troféus / R\$150,00
3º Lugar / Troféus / R\$75,00

No Sub-19 e Sub-17, os três
primeiros colocados receberão
medalhas.

Informações
WWW.VOLEIPARANA.COM.BR
(46) 99971-0266 - Nivaldo

FIGURA 1: Circuito Paranaense de Vôlei de Praia
FONTE: Federação Paranaense de Voleibol (2018)

Na pergunta 4, foi questionado sobre o motivo do voleibol de praia ser um sucesso. O organizador 2 relatou que a interação entre esporte e natureza faz com que essa modalidade ganhe mais espectadores. Já o organizador 1 relatou que a interação na arena entre a torcida faz com que o esporte se torne um show, ou seja, mais uma vez vemos o voleibol de praia como esporte espetáculo, relatado por Cagigal (1981) como um show movido pela mídia e que exige maior sensacionalismo durante as partidas.

A pergunta 5 abordou sobre as diferenças na transmissão do voleibol de praia feminino na TV. O organizador 1 relatou de forma positiva sobre os replays e a forma de apresentação na TV, já o organizador 2 disse que a modalidade não é muito transmitida em TV aberta e deu o exemplo da final Olímpica Rio-2016, onde a transmissão foi feita por volta da meia noite.

Na questão 6 foi perguntado sobre o uniforme feminino. O organizador 2 relatou o seguinte:

Acredito que seja o grande diferencial sobre qualquer outra modalidade, inclusive os esportes aquáticos não utilizam uniformes como os do Vôlei de Praia feminino. Porém, acho que esta exposição do corpo feminino é uma forma de trazer a atenção para a modalidade e também prender a atenção do público masculino e da mídia em geral.

Zettl, em 1999, explica como os ângulos das câmeras podem influenciar e envolver os espectadores, podendo envolvê-los ainda mais com o esporte ou com que percam o interesse na modalidade. Em seu estudo Higgs et al (2003) relataram que a maioria dos comentários em relação a atletas femininas enfatizam traços físicos e sugerem comentários sexistas, ajudando os espectadores a formular estereótipos ou algum tipo de crença sobre as mulheres. Balsamo (1996) completa dizendo que a publicidade esportiva destaca as capacidades atléticas e poder do corpo das mulheres atletas, porém, esmaga de forma sexista o corpo feminino. Em seguida, foi questionado aos organizadores sobre os uniformes femininos, se eles são ou não adequados para a modalidade. Ambos responderam que sim. O organizador 2 disse que se o uniforme além de ser bonito precisa estar confortável e se seguir esse requisito não vê problema algum que a atleta use o uniforme.

Na pergunta 9 foi questionado sobre a vistoria dos uniformes perante a Organização do evento. O organizador 1 relatou que dependendo da temperatura o delegado da partida, no caso da Federação Paranaense, autoriza as atletas jogarem com *legging*, como a FIVB já vem autorizando desde 2012 as atletas jogarem com outros tipos de uniforme caso a temperatura esteja baixa. Já o organizador 2 relatou que:

Ao invés de fornecermos o top passamos a fornecer camisetas regatas em todas as nossas etapas a pedido delas, pois algumas estavam incomodadas com as “gordurinhas localizadas” que ficavam a mostra e, portanto a pedido delas fizemos esta alteração do uniforme.

Essa medida que o organizador 2 teve na realização de seus torneios é de grande importância para as competidoras da categoria amador, pois são as que mais sofrem com o padrão de beleza que é imposto pela sociedade e as que sofrem com esse tipo de violência simbólica. A atleta 5 relatou em sua entrevista que já desistiu de participar de um torneio amador, pois a organização não deixou ela usar outro uniforme, somente o disponibilizado para aquele torneio. Caso ela fosse participar desse evento, não teria problemas em relação ao uniforme.

Na questão 10 foi perguntado se eles conseguem analisar algum tipo de diferença na transmissão de voleibol de praia feminino e masculino. O organizador 1, relatou que não vê diferença alguma durante a transmissão. Já o organizador 2 disse que já reparou que durante as transmissões ocorrem vários “closes” em partes íntimas das mulheres, principalmente no fundo de quadra. Esses zooms ocorrem, geralmente, no final de cada *rally*, onde as atletas estão comemorando o ponto. É normal como forma de comemoração ou apoio, que a colega bata na nádega da outra e quando isso acontece rapidamente a câmera já está gravando essa ação de comemoração ou motivação da equipe. Outro exemplo que acontece, é quando as atletas precisam fazer algum ajuste no uniforme, principalmente na parte de baixo, prontamente as câmeras estão postas para gravar esse momento (BISSELL, 2007).

Encerrando a entrevista com os organizadores, foi questionado se já ocorreu durante algum evento que eles estavam responsáveis algum assédio perante as atletas, ambos responderam que nunca presenciaram algo parecido.

A seguir, segue as respostas das entrevistas realizadas com os técnicos de voleibol de praia feminino:

QUESTÃO	TÉCNICO 1	TÉCNICO 2
1. Por que você escolheu trabalhar com o voleibol de praia?	“É o melhor esporte que existe no mundo, puro prazer.”	“Porque é meu desporto predileto.”
2. Você iniciou sua carreira como técnico de voleibol ou voleibol de praia?	“Vôlei de praia.”	“Voleibol.”
3. Se foi no voleibol, como foi essa transição para o voleibol de praia?	Não se aplica.	“Foi quando vivi na Europa, por lá as temporadas não coincidem e pode-se optar por atuar nas duas áreas.”
4. Como é ser técnico de voleibol de praia feminino? Quais são as maiores diferenças em treinar uma equipe feminina e uma masculina?	“São muitas as diferenças, vou destacar algumas: com equipe feminina - temos ter mais sensibilidade por questões hormonais, temos que estar sempre atentos a isto, tem que haver um maior cuidado e sempre manter o nível de respeito em todos os aspectos por ser do gênero oposto, procurar acompanhar mais de perto as atividades sociais das atletas, principalmente quando envolver o grupo, pois isso irá influenciar no rendimento da sua equipe, promover a socialização e reuniões para apagar os focos de incêndios que nascem com maior facilidade.”	“Muito bom as mulheres são bastante disciplinadas e bastante comunicativas. A maior diferença é a carga de treino. A periodização deve ser cuidadosamente elaborada em função das atletas individualmente. Tanto no aspecto físico bem como no aspecto psicológico.”
5. Como e ser técnico de voleibol de praia, no Brasil?	“Muito difícil, remuneração baixa, pouco reconhecimento, embora a profissão seja maravilhosa.”	“Difícil, sobretudo na iniciação esportiva. O clima de Curitiba não favorece muito atrativo para pessoas nesta faixa etária.”
6. Existem diferenças entre competições	“São muito diferentes, quando você vai	“Eu posso destacar o nível técnico dos atletas

nacionais e internacionais? Quais são?	representar o seu país é algo realmente glorioso, e o nível da competição eleva e te exige o máximo do que você pode dar.”	como a principal diferença. Bem como a mentalidade dos esportistas, a nível internacional são sempre mais focados nos seus objetivos e no que devem realizar para alcançá-los.”
7. Por que o voleibol de praia faz tanto sucesso?	“Por ser um esporte que ‘nasceu’ no Brasil com muitos grupos trabalhando sério e com bastante estudo em alguns estados.”	“Na minha opinião por sua beleza estética.”
8. Quais as particularidades do voleibol de praia transmitido pela TV?	“Não entendi, mas deve ser relacionado a sua essência de ser praticado em um ambiente agradável(praia).”	“Os tempos de jogo e tempo para publicidade.”
9. Fale sobre o uniforme de voleibol de praia feminino.	“Composto de top e sunquíni.”	“Não há o que falar.”
10. Em relação ao uniforme das atletas, biquíni e top, você acha o modelo e tamanho ideais para a prática do voleibol de praia?	“Alguns são muito pequenos e às vezes extrapolam as normas da CBV.”	“Sim.”
11. Como é feita a vistoria dos uniformes? É feita pela FPV/CBV/FIVB antes das partidas?	“São feitas visualmente, mas que às vezes percebo que ocorrem erros, não sei como está o procedimento neste exato momento, mas podemos consultar o site da CBV.”	“Não, é de indicação das equipes atentarem sobre as normas da competição e respectivos uniformes para não serem sancionados ou até mesmo impedidos de jogar.”
12. Suas atletas já precisaram fazer alguma modificação no uniforme a pedido da Organização do evento ou da FPV/CBV/FIVB? Se sim, qual foi?	“Não.”	“Não.”
13. Quando você assiste aos jogos pela TV percebe algum tipo de diferença na transmissão entre voleibol de praia feminino e masculino? Se sim, quais são?	“São jogos diferentes pela natureza do gênero, sem dúvida, no masculino utiliza-se mais a força, já o feminino a largada.”	“Não percebo diferença alguma.”
14. Alguma atleta sua ou	“Não diria que assédio,	“Jamais.”

alguma que você conhece já sofreu algum tipo de assédio durante a preparação para um jogo ou durante uma partida de voleibol de praia?	mas a torcida sempre fala umas bobagens, quando a atleta chama atenção por algum aspecto, seja sua beleza ou pelas vestes delas que chamam a atenção.”	
--	--	--

QUADRO 14: OS TÉCNICOS DE VOLEIBOL DE PRAIA FEMININO
FONTE: O AUTOR (2018)

Anteriormente, discutimos sobre as respostas das atletas e organizadores de eventos. A partir de agora, a discussão será feita a partir das respostas dos técnicos entrevistados.

Na questão 1 perguntamos qual o motivo de terem escolhido o voleibol de praia como um trabalho e ambos responderam que foi pelo prazer de estar perto da modalidade e por ser um esporte muito gratificante. Logo em seguida, foi questionado se as suas carreiras iniciaram no voleibol ou voleibol de quadra. O técnico 1 relatou que começou no voleibol de praia e o técnico 2 ressaltou que iniciou no voleibol.

Na pergunta 3 foi questionado sobre a transição de carreira do voleibol para o voleibol de praia. O técnico 1, como já iniciou no voleibol de praia não fez uma transição, já o técnico 2 em sua experiência na Europa viu como uma oportunidade migrar para o voleibol de praia, porém continuou a trabalhar com o voleibol e não relatou nenhuma dificuldade entre as modalidades.

Quando questionado sobre as diferenças em treinar duplas femininas e masculinas, as respostas foram às seguintes: o técnico 1, em resposta a questão 4, relatou que existem muitas diferenças, como a sensibilidade por questões hormonais e que isso pode ocasionar “focos de incêndios” na convivência entre as atletas e entre o próprio técnico, e que é preciso ter atenção a esses casos para que a equipe não prejudique seu rendimento. Já o técnico 2 relatou que é muito bom trabalhar com o público feminino e que a grande diferença é em relação a carga de treinamento. Relata que é necessário tomar bastante cuidado com a periodização, tanto no aspecto físico, bem como no psicológico.

Na questão 5, foi perguntado sobre como é ser técnico dessa modalidade no Brasil. Ambos os técnicos relataram bastante dificuldade, mas em âmbitos diferentes. O técnico 1 relatou que essa profissão tem pouco reconhecimento e o

que o salário é baixo, mas mesmo assim define a profissão como “maravilhosa”. Já o técnico 2 relatou que as maiores dificuldades se encontram na iniciação esportiva da modalidade e que o clima de Curitiba não favorece.

Em seguida, na pergunta 6, foi questionado sobre as diferenças em atuar na profissão dentro do Brasil e internacionalmente. Ambos os técnicos relataram que a maior diferença é em relação ao nível técnico exigido na competição e que é necessário dar o máximo durante esse campeonato.

Na questão 7, foi perguntado por que o voleibol de praia faz tanto sucesso. O técnico 1 relatou que por ser um esporte “nascido” no Brasil, muitos grupos estudam sobre a modalidade, deixando o voleibol de praia mais desenvolvido. Sabe-se que o voleibol de praia não foi criado no Brasil, mas sim nos Estados Unidos e chegou ao Brasil somente nos anos 1930 (AFONSO, 2011). Já o técnico 2 relatou que o sucesso ocorre através da beleza estética que a modalidade exhibe.

Em relação às particularidades do voleibol de praia transmitido pela TV, questionado na questão 8, ambos os técnicos não responderam com base no tema proposto, bem como os organizadores também não responderam. Para o técnico 1, a particularidade se dá pela essência da modalidade, ou seja, ser praticado em um ambiente agradável, a praia. Para o técnico 2 essa particularidade ocorre por meio dos tempos de jogo e os tempos para as publicidades envolvidas no patrocínio do evento.

Dando prosseguimento a pesquisa, foi pedido para que os técnicos falassem um pouco sobre o uniforme de voleibol de praia feminino. O técnico 1 apenas relatou que o uniforme é composto de top e sunquíni, já o técnico 2 relatou que não há o que falar sobre o uniforme.

Na questão 10, foi perguntado se eles acham ideal o modelo e o tamanho dos uniformes das atletas. O técnico 1 relatou que alguns são muito pequenos e as vezes extrapolam as normas da CBV. Porém, como citado no referencial teórico, as atletas tem o tamanho máximo de uniforme que podem utilizar, bem como podem usufruir de três opções, mas não existe nenhuma regra sobre o tamanho mínimo que elas devem utilizar (FIVB). Sendo assim, cabe a cada atleta decidir o tamanho do uniforme que ela deseja utilizar durante o jogo. O técnico 2 relatou que acha o tamanho ideal para a prática desportiva.

Em uma reportagem no portal R7 sobre os Jogos Olímpicos de Londres-2012, o resultado encontrado para o voleibol de praia feminino é o seguinte: “Por mulheres

de biquíni, pedreiros correm atrás de ingressos do vôlei de praia na Olimpíada”, e o texto que acompanha diz assim: “Trabalhadores ingleses preferem jogadoras do que esportes mais procurados.” Os pedreiros que ajudaram a construir as instalações olímpicas possuem preferência e preços menores para a compra de ingressos. Contudo, eles compraram 410 tíquetes para o vôlei de praia, contra apenas 256 para as finais do atletismo.



Fonte: Portal R7

Em relação a vistoria dos uniformes, questionado na pergunta 11, o técnico 1 relatou que são feitas visualmente e que percebe alguns erros por parte da organização algumas vezes, mas que não sabe quais são as normas atuais da CBV. Segundo a CBV, os árbitros são responsáveis por verificar se os uniformes estão adequados para o início da partida, caso ocorra algum problema, cabe ao Delegado da partida resolvê-lo. Já o técnico 2 relatou que não ocorrem vistorias e que cabe a cada equipe tomar cuidado com os uniformes para que não ocorra nenhum problema durante a competição.

Na questão 12, foi perguntado se alguma atleta deles já precisou trocar de uniforme após as vitorias e ambos relataram que isso nunca aconteceu. Na pergunta 13, foi questionado se os técnicos notam alguma diferença na

transmissão de jogos femininos e masculinos pela TV. O técnico 1 respondeu apenas questões técnicas, como diferença na força e na tática de jogo, já o técnico 2 relatou que não percebe nenhuma diferença. Em respostas anteriores de atletas e organizadores, foi relatado sobre a objetificação do corpo da mulher através da televisão, porém os técnicos não visualizaram esse quesito durante as transmissões.

Para finalizar o questionário entre os técnicos, foi perguntado sobre o assédio na partida. O técnico 2 relatou que nunca ocorreu nenhuma cena de assédio para com as suas atletas. Já o técnico 1 relatou o seguinte:

Não diria que assédio, mas a torcida sempre fala umas bobagens, quando a atleta chama atenção por algum aspecto, seja sua beleza ou pelas vestes delas que chamam a atenção.

No trecho que ele relata: “[...] sempre fala umas bobagens [...]”, as atletas estão sofrendo a violência simbólica que para Bourdieu (2010) pode acontecer de várias formas, podendo ser verbalmente ou visualmente, na TV ou ao vivo e esse ato de falar bobagens é uma maneira de atingir a mulher e objetificar seu corpo.

5. CONCLUSÃO

O voleibol de praia tornou-se um esporte mercantilizado e espetacularizado pela mídia, sendo assim se abriram novas frentes de estudos sociológicos sobre esse tema. Nessa pesquisa procuramos entender por que a televisão objetifica o corpo das atletas de voleibol de praia, e na maioria das vezes, evidencia o corpo das jogadoras como o principal atrativo da modalidade. Também foi discutido sobre os uniformes das competidoras, pois comparado a outras modalidades ele é menor que em outros esportes praticado pelas mulheres.

O objetivo geral dessa pesquisa foi analisar porque a mulher é objetificada pela televisão, no voleibol de praia. Os resultados mostraram que as atletas, os técnicos e os organizadores participantes que, em sua maioria, concordam com o uniforme do voleibol de praia feminino, e que a televisão explora essa característica estrutural do voleibol de praia.

Já um dos objetivos específicos foi discutir o capítulo 4 do Manual da FIVB, nele encontramos as regras que as jogadoras precisam seguir em relação ao uniforme. Foi visto, que a partir de 2012, as opções de uniforme para as mulheres sofreram alterações e ganharam mais opções de uso, dando mais autonomia as jogadoras. Outro objetivo discutido foi relatar sobre os interesses da mídia no voleibol de praia feminino e esse interesse se dá pelo espetáculo que o esporte oferece, principalmente pela TV.

Como limitações da presente pesquisa, gostaríamos de ter entrevistado um número maior de atletas, técnicos e organizadores, bem como entrevistar alguém da TV, como por exemplo, o diretor de imagens, responsável por escolher as imagens que vão ao ar. Para complementar o estudo, seria interessante entrevistar também árbitros, patrocinadores e quem faz as regras (FIVB).

Sendo assim, nesse estudo ressaltamos a importância em discorrer sobre assuntos que abordam a objetificação da mulher no campo esportivo. Conclui-se que o voleibol de praia é um produto mercantilizado e espetacularizado pela televisão, a qual é operada por uma lógica comercial, utilizando o apelo sensual das jogadoras para alavancar as transmissões.

Para estudos futuros, um dos possíveis temas que podem ser abordados é trabalhar somente com profissionais de Jogos Olímpicos, como atletas, técnicos, organizadores, árbitros e mídia.

6. REFERÊNCIAS

Site http://volleyball.org/history_beach.html Acesso em 31 mar. 2018.

Site <https://www.cob.org.br/pt/Espportes/volei-de-praia> Acesso em: 26 set. 2017.

Site: Federação Internacional de Voleibol (FIVB) – Manual (2018)
http://www.fivb.org/EN/BeachVolleyball/Document/2018/2018_FIVB_BVB_Handbook_V5 Acesso em: 29 abr. 2018.

Site: <http://letraefilosofia.com.br/a-dominacao-masculina-em-pierre-bourdieu>. DUTRA, A. “**A dominação masculina em Pierre Bourdieu**”. Acesso em: 03 nov. 2018

Site: <http://2018.cbv.com.br/> “**Ídolos levam novas gerações a se interessar pela prática de esportes, gerando novos resultados positivos, sociais e esportivos**”. Acesso em: 30 set. 2017.

Site: <https://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/2018/01/29/por-que-skatista-homem-recebeu-premio-tres-vezes-maior-que-mulher.htm> “**Pódio no skate gera polêmica: por que homem ganhou 3 vezes mais que mulher?**” Acesso em: 10 nov 2018.

Site: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/08/29/roupas-proibidas-e-regras-ultrapassadas-ainda-atrasam-tenis-feminino/> - Acesso em 05 nov 2018

Site: <http://recordtv.r7.com/londres-2012/noticias/por-mulheres-de-biquini-pedreiros-correm-atras-de-ingressos-do-volei-de-praia-na-olimpiada/> - Acesso em 08 nov 2018

Site: https://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/mais-esportes/2016/04/01/noticia_maisesportes,60693/homens-chegam-a-receber-234-vezes-mais-que-mulheres-no-esporte.shtml - Acesso em 02 nov 2018

AFONSO, G. F. **A reinvenção do voleibol de praia: agentes e estruturas de uma modalidade espetacularizada.** (1983-2008). Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

ALDEMAN, M. Movimento. **Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades.** Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11-29, janeiro/abril de 2006.

ALDEMAN, M. **Mulheres atletas: transformações da corporeidade feminina?** In: ANAIS da 23ª Reunião da ANPOCS, Caxambu, 1999.

ALEXANDER, S. **Newspaper coverage of athletes as a function of gender.** Women’s Studies International Forum, 17(6), 655– 662 (1994).

ALONSO, L. K. **Esporte, imagem corporal e exploração da mídia.** Fundação Oswaldo Cruz. III Fórum de debates sobre mulher e esporte > Mitos e Verdades < Fórum Internacional (página 93-97) – 2004.

ANDRÉ, S. **Judô feminino: Relato de uma história.** III Fórum de debates sobre mulher e esporte > Mitos e Verdades < Fórum Internacional (página 69-71) – 2004.

- BALSAMO, A. **Technologies of the Gendered Body**. Durham, NC: Duke University Press (1996).
- BILLINGS, A. C., ANGELINI, J. R., & DUKE, A. H. **Gendered profiles of Olympic history: Sportscaster dialogue in the 2008 Beijing Olympics**. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 54(1), 9– 23 (2010).
- BISSELL, K. L., & DUKE, A. M. **Bump, set, spike: An analysis of commentary and camera angles of women's beach volleyball during the 2004 summer Olympics**. *Journal of Promotion Management*, 13(1/2), 35– 53 (2007).
- BISSELL, K., and HOLT, A. **Who's got game? Gender bias in coverage of the 2004 Olympic Games on the web**. Paper presented at the national conference of the International Communication Association, New York, NY (2005).
- BISSELL, K., SMITH, L. R. **Let's (Not) Talk Sex: An Analysis of the Verbal and Visual Coverage of Women's Beach Volleyball during the 2008 Olympic Games**. *Journal of Sports Media*, Volume 8, Number 2, Fall 2013, pp. 1-30 (2013).
- BOURDIEU, P. **A dominaçãomasculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**. Campinas: Papius, 1996.
- BRUCE, T. **Interrogating the intersections of nationalism and gender in media coverage of international sports spectacles: The case of the Commonwealth and Olympic Games**. Paper presented at the International Sports Studies Conference, Victoria University, Melbourne, Australia (2006).
- CAGIGAL, J. M. **¡Oh Deporte! (Anatomia de um gigante)**. Valladolid: Editorial Miñón, 1981.
- COAKLEY, J. J. **Sport in society: Issues and controversies**. New York NY: Irwin/McGraw- Hill. (1998).
- CRAMER, J. A. **Conversations with women journalists**. In P. J. Creedon (Ed.), *Women, media, and sport: Challenging gender values* (pp. 159– 180). Thousand Oaks CA: Sage (1994).
- CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. **Pesquisa de métodos mistos**. Tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. 2 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- CUNHA JÚNIOR, C., ALTMANN, H., GOELLNER, S. V. & MELO, V. A. **Women and sports in Brazil**. In: CHRISTENSEN, Karen. *International encyclopedia of women and sport*. USA: Macmillian, 1999.
- DEVIDE, F. P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- DUNCAN, M. C., and HASBROOK, C. A. **Denial of power in televised women's sports**. *Sociology of Sport Journal*, 5(1), 1-21 (1998).

FINK, J. S., & KENSICKI, L. J. **An imperceptible difference:** Visual and textual constructions of femininity in Sports Illustrated and Sports Illustrated for Women. *Mass Communication and Society*, 5, 317– 339 (2002).

GEERTZ, C. A. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOELLNER, S. V. **As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século.** *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 47-57, 1998.

GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte no Brasil:** entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*. v. 8, n 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher. *Educação Physica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. V. **Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia.** Universidade Federal do RS. III Fórum de debates sobre mulher e esporte > Mitos e Verdades < Fórum Internacional (página 38-41) – 2004.

GOELLNER, S. V. **Mulher, olimpismo e desempenho.** Escola de Educação Física da UFRS. III Fórum de debates sobre mulher e esporte > Mitos e Verdades < Fórum Internacional (página 42-46) – 2004.

GOMES Jr., G. S. **Medicina Desportiva.** Rio de Janeiro: Gráfica Tupy, 1958.

HALBERT, C., and LATIMER, M. **“Battling” gendered language:** An analysis of the language used by sports commentators in a televised coed tennis competition. *Sociology of Sport Journal*, 11(3), 298-308 (1994).

HARDIN, M., CHANCE, J., DODD, J. E., & HARDIN, B. **Olympic photo coverage fair to female athletes.** *Newspaper Research Journal*, 23(2/3), 64– 79 (2002).

HENLEY, N. M. **The new species that seeks new language:** On sexism in language and language change. In J. Penfield (ed.), *Women and Language in Transition* (pp. 3-27). Albany, NY: State University of New York Press (1987).

HIGGS, C. T., WEILLER, K. H., & MARTIN, S. B. **Gender bias in the 1996 Olympic Games:** A comparative analysis. *Journal of Sport and Social Issues*, 27, 52– 64. International Olympic Committee (n.d.). Retrieved from <http://www.olympic.org>. (2003).

JONES, D. **Half the story? Olympic women on ABC News Online.** *Media International Austral- Incorporating Culture and Policy*, 15, pp. 132– 146 (2004).

KANE, M. J., & PARKS, J. B. **The social construction of gender difference and hierarchy in sport journalism:** Few new twists on very old themes. *Women in Sport and Physical Activity Journal*, 1, 49– 83 (1992).

LENK, M. **Braçadas e Abraços.** Rio de Janeiro: Bradesco, 1982.

LESSA, P. **Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista.** Motrivivência Ano XVII, Nº 24, P. 157-172 Jun./2005.

LUMPKIN, A., & WILLIAMS, L. D. **An analysis of Sports Illustrated feature articles, 1954– 1987.** Sociology of Sport Journal, 8(1), 16– 30 (1991).

MARINHO, I. P. **História da educação física no Brasil.** São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/d. Rui Barbosa: paladino da educação física no Brasil. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1975.

MARQUES, R. F.R. **Esporte e Qualidade de Vida:** reflexão sociológica. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MARCHI JR, W. **Como é possível ser esportivo e sociológico?** In: GEBARA, Ademir; PILATTI, Luis Alberto (orgs). Ensaio sobre história sociologia nos esportes. Coleção Norbert Elias, v.2, Jundiaí: Editora Fontoura, 2006, p.159-195.

MELO, V.A **A cidade esportiva: primórdios** do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: RelumeDumará; FAPERJ, 2001.

MOREIRA, T. S. **O Voleibol feminino no Brasil:** do amadorismo à profissionalização. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

OLIVEIRA, P. P. **A Construção Social da Masculinidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

OLYMPIC MAGAZINE, nº 32. Lausanne: Olympic Museum, 1997.

PFISTER, G.A **história delas no esporte: rumo a uma perspectiva feminista?** In: ROMERO, Elaine (org.). Mulheres em movimento. Vitória: EDUFES, 1997. p. 91-111.

PFISTER, G. **Líderes femininas em organizações esportivas – tendências mundiais.** Revista Movimento, v. 9, nº. 2, mai-ago. 2003.

SAINT MARTIN, M. **Uma inflexível dominação?**In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. (orgs.). Trabalhar com Pierre Bourdieu. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 327-335.

SALVINI, L. **Novo Mundo Futebol Clube e o “Velho Mundo” do futebol:** Considerações sociológicas sobre o *Habitus* esportivo de jogadoras de futebol. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SALVINI, L. SOUZA, L., MARCHI JÚNIOR, W. **A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo:** algumas notas e digressões teóricas. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.3, p.401-10, jul./set. 2012b

SILVA, G. P. **Histórico da mulher no judô, preconceitos, estereótipos e discriminações.** Revista Motrivivência, Florianópolis: UFSC, ano V, n. 5,6,7, p. 195-207, dez. 1994.

SILVA, M. C. P.; COSTA, M. M.; SALLES, J. G. C. **A imprensa brasileira e o futebol feminino, discurso produzido e (re)produzido.** In: Coletânea do IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Belo Horizonte: UFMG/EEF/ CELAR, 1997, p. 472-481.

SMITH, SINJIN; FEINEMAN, NEIL. **Kings of the beach: the story of beach volleyball.** Los Angeles – Seattle: Power Books, 1988.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico.** Campinas: Autores Associados, 2002.

TERRAY, E. **Proposta sobre a violência simbólica.** In: ENCREVÉ, P; LAGRAVE, R. (orgs.) *Trabalhar com Pierre Bourdieu.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, pp. 303-308.

THEBERGE, N., & CRONK, A. **Work routines in newspaper sports departments and the coverage of women's sports.** *Sociology of Sport Journal*, 3(3), 195– 203 (1986).

THOMAS, J. R., NELSON, J. K., SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física.** 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TUGGLE, C. A. **Differences in television sports reporting of men's and women's athletics: ESPN SportsCenter and CNN Sports Tonight.** *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 41(1), 14– 24 (1997).

TUGGLE, C. A., & OWEN, A. **A descriptive analysis of NBC's coverage of the Centennial Olympics: The "games of the woman"?** *Journal of Sport and Social Issues*, 23, 171– 192 (1999).

TUGGLE, C. A., HUFFMANN, S., & ROSENGARD, D. S. **A descriptive analysis of NBC's coverage of the 2000 Summer Olympics.** *Mass Communication and Society*, 5, 361– 375 (2002).

ZETTL, H. **Sight, sound, motion: Applied media aesthetics.** Belmont CA: Wadsworth (1999).

APÊNDICES

APÊNDICE 01: CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	39
APÊNDICE 02: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	40
APÊNDICE 03: QUESTIONÁRIO PARA ATLETAS.....	41
APÊNDICE 04: QUESTIONÁRIO PARA TÉCNICOS.....	42
APÊNDICE 05: QUESTIONÁRIO PARA ORGANIZADORES.....	43



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Departamento Acadêmico de Educação Física
Curso de Bacharelado em Educação Física



Carta de apresentação DAEFI
Curitiba, 10 de outubro de 2018.

APRESENTAÇÃO

Por meio desta, apresentamos Thiago José Fantin Mildemberg, acadêmico do Curso de Bacharelado em Educação Física, da UTFPR. O referido acadêmico, necessita realizar entrevistas para sua pesquisa científica de Trabalho de Conclusão de Curso.

Nesse sentido, você está convidado(a) a participar da pesquisa por meio de uma entrevista, que fará parte do estudo intitulado, ***Voleibol de praia: a objetificação da mulher pela televisão***, de autoria do acadêmico Thiago José Fantin Mildemberg e orientado pelo professor Dr. Gilmar Francisco Afonso. Esta pesquisa tem como propósito analisar a objetificação das atletas pela televisão durante as partidas de voleibol de praia.

Sem mais para o momento, agradecemos a colaboração.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Gilmar Afonso
Departamento Acadêmico de Educação Física
Curso de Bacharelado em Educação Física
Universidade Tecnológica Federal do Paraná



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(maiores de 18 anos de idade)

Título da pesquisa: Voleibol de praia: a objetificação da mulher pela televisão

Pesquisadores, com endereços e telefones:

Gilmar Afonso, residente no endereço: Rua Deputado Mário de Barros, 833 ap. 106, Centro Cívico, Curitiba/PR, telefone: (41) 998253071.

Thiago José Fantin Mildemberg, residente no endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 1541 ap 21, bloco A, Centro, Curitiba/PR, telefone: (41) 9996100080.

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Você está convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa **Voleibol de praia: a objetificação da mulher pela televisão** que está sob a responsabilidade do aluno Thiago José Fantin Mildemberg, telefone: (41) 996100080, e-mail: thiagao-14@hotmail.com e está sob orientação do Prof. Dr. Gilmar Afonso, telefone: (41) 998253071, e-mail: gafonso@utfpr.edu.br.

Caso este Termo de Consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as dúvidas podem ser tiradas com a pessoa que está lhe entrevistando e apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados, caso concorde com a realização do estudo pedimos que assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Caso não concorde, não haverá penalização, bem como será possível retirar o consentimento a qualquer momento, também sem nenhuma penalidade.

1. Apresentação da pesquisa

O voleibol de praia foi transformado em um produto comercial espetacularizado e transmitido pela televisão em escala global (AFONSO, 2011).

Atualmente, o voleibol de praia ocupa uma posição de destaque no cenário esportivo brasileiro e mundial. Nos Jogos Olímpicos, por exemplo, é uma das modalidades mais procuradas pelo público, tanto ao vivo quanto pelas transmissões televisivas.

Dentro dessa perspectiva, esta pesquisa pretende analisar os olhares da mídia, principalmente da televisão, nas transmissões do voleibol de praia feminino com relação aos enquadramentos nas atletas evidenciando o corpo das mulheres como principal atrativo da modalidade (BISSELL, 2007).

2. Objetivos da pesquisa

Objetivo geral:

analisar porque a mulher é objetificada pela televisão no voleibol de praia.

Objetivos específicos:

- a) Discutir sobre o capítulo 4, “cláusula 7.5” do Manual da Federação Internacional de Voleibol (FIVB – 2018).
- b) Relatar os interesses da televisão no voleibol de praia feminino.
- c) Descrever a objetificação do corpo feminino pela televisão no voleibol de praia.

3. Participação na pesquisa

As entrevistas serão realizadas via e-mail com atletas que participam ou já participaram de competições de voleibol de praia. Também será feita com técnicos e organizadores de eventos de voleibol de praia.

Primeiramente será feito o contato com os participantes via telefone e após isso será encaminhado o e-mail com o questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em relação a entrevista, será enviado o TCLE. Após a leitura e assinatura dos mesmos, os participantes responderão o questionário via e-mail com duração estimada de 20 minutos.

4. Confidencialidade

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos nomes dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação.

5. Riscos e Benefícios

5a) Riscos: os riscos relacionados ao estudo são mínimos. Um dos possíveis riscos pode ser um constrangimento no momento de responder ao questionário. A fim de minimizar esses possíveis riscos, os participantes serão esclarecidos de que seus nomes não serão divulgados e que todos os dados utilizados para a realização desta pesquisa são confidenciais. Os dados serão armazenados num computador com senha que somente o pesquisador terá acesso.

5b) Benefícios: como benefícios, os participantes poderão refletir sobre como o corpo da mulher atleta vem sendo divulgado pela mídia. Através dessa reflexão e junto com os resultados da pesquisa, os participantes poderão ficar mais atentos em relação a objetificação da mulher pela televisão no voleibol de praia, o que poderá contribuir para a diminuição desse tipo de dominação.

6. Critérios de inclusão e exclusão

6a) Inclusão:

- a) Ser maior de 18 anos de idade.
- b) Ser atleta de voleibol de praia registrada na FPV/CBV.
- c) Ser técnico de voleibol de praia registrado na FPV/CBV.

d) Ser organizador de eventos oficiais de voleibol de praia.

6b) Exclusão:

a) Participantes que não responderem ao questionário por completo.

b) Participantes que não assinarem o TCLE.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo

O participante da pesquisa tem os direitos de: a) deixar o estudo a qualquer momento; b) receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa. Bem como, evidenciar a liberdade de recusar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem penalização.

Você pode assinalar o campo a seguir para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse:

() quero receber os resultados da pesquisa (e-mail para envio: _____)

() não quero receber os resultados da pesquisa.

8. Ressarcimento e indenização

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária.

ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N,

Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494 e-mail: coep@utfpr.edu.br

B) CONSENTIMENTO (do participante de pesquisa ou do responsável legal – neste caso anexar documento que comprove parentesco/tutela/curatela)

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos, benefícios, ressarcimento e indenização relacionados a este estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/_____

Telefone: _____

Endereço: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Nome completo: _____

Assinatura do pesquisador (a): _____ Data: ___/___/_____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Gilmar Francisco Afonso, via e-mail: gafonso@utfpr.edu.br ou telefone: (41) 998253071. Ou Thiago José Fantin Mildemberg, via e-mail: thiago-14@hotmail.com ou telefone (41) 996100080.

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos para denúncia, recurso ou reclamações do participante pesquisado:

Comitê de Ética em Pesquisa que envolve seres humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEF/UTFPR). **Endereço:** Avenida Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** 3310-4494, **E-mail:** coep@utfpr.edu.br

OBS: este documento deve conter 2 (duas) vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao participante da pesquisa.

APÊNDICE 03: QUESTIONÁRIO PARA ATLETAS

1. Por que você escolheu treinar voleibol de praia e não outra modalidade?
2. Você iniciou a sua carreira no voleibol ou voleibol de praia? Se foi no voleibol, como foi a sua transição para o voleibol de praia?
3. Como é ser atleta de voleibol de praia, no Brasil?
4. Como é ser atleta de voleibol de praia em competições nacionais? E internacionais? Quais são as diferenças?
5. Por que o voleibol de praia faz tanto sucesso?
6. O que você acha do espetáculo do voleibol de praia ao vivo? E transmitido pela TV?
7. Fale sobre o uniforme do voleibol de praia feminino.
8. Em relação ao uniforme, você se sente incomodada com o tamanho do biquíni e top?
9. Como é feita a vistoria dos uniformes? É feita pela FPV/CBV/FIVB antes das partidas?
10. Você já precisou trocar de uniforme ou fazer ajustes no mesmo antes ou durante uma competição a pedido da Organização do evento ou da FPV/CBV/FIVB?
11. Quando você assiste aos jogos pela TV percebe algum tipo de diferença na transmissão entre voleibol de praia feminino e masculino? Se sim, quais são?
12. Você já sofreu algum tipo de assédio durante a preparação para um jogo ou durante uma partida de voleibol de praia?

APÊNDICE 04:QUESTIONÁRIO PARA TÉCNICOS

1. Por que você escolheu trabalhar com o voleibol de praia?
2. Você iniciou sua carreira como técnico de voleibol ou voleibol de praia?
3. Se foi no voleibol, como foi essa transição para o voleibol de praia?
4. Como é ser técnico de voleibol de praia feminino? Quais são as maiores diferenças em treinar uma equipe feminina e uma masculina?
5. Como é ser técnico de voleibol de praia, no Brasil?
6. Existem diferenças entre competições nacionais e internacionais? Quais são?
7. Por que o voleibol de praia faz tanto sucesso?
8. Quais as particularidades do voleibol de praia transmitido pela TV?
9. Fale sobre o uniforme de voleibol de praia feminino.
10. Em relação ao uniforme das atletas, biquíni e top, você acha o modelo e tamanho ideais para a prática do voleibol de praia?
11. Como é feita a vistoria dos uniformes? É feita pela FPV/CBV/FIVB antes das partidas?
12. Suas atletas já precisaram fazer alguma modificação no uniforme pedido da Organização do evento ou da FPV/CBV/FIVB? Se sim, qual foi?
13. Quando você assiste aos jogos pela TV percebe algum tipo de diferença na transmissão entre voleibol de praia feminino e masculino? Se sim, quais são?
14. Alguma atleta sua ou alguma que você conhece já sofreu algum tipo de assédio durante a preparação para um jogo ou durante uma partida de voleibol de praia?

APÊNDICE 05: QUESTIONÁRIO PARA ORGANIZADORES

1. Por que você escolheu trabalhar com o voleibol de praia?
2. Como é ser organizador de eventos de voleibol de praia.
3. Existe diferença na organização de eventos de voleibol de praia feminino e masculino? Se sim, quais são?
4. Por que o voleibol de praia faz tanto sucesso?
5. Quais as particularidades do voleibol de praia transmitido pela TV?
6. Fale sobre o uniforme do voleibol de praia feminino.
7. Em relação ao uniforme das atletas, biquíni e top, você acha o modelo e tamanho ideais para a prática do voleibol de praia?
8. Como é feita a vistoria dos uniformes? É feita pela FPV/CBV/FIVB antes das partidas?
9. Nos eventos que você organizou, as atletas precisaram fazer alguma modificação no uniforme a pedido da Organização ou da FPV/CBV/FIVB? Se sim, qual foi?
10. Quando você assiste aos jogos pela TV percebe algum tipo de diferença na transmissão entre voleibol de praia feminino e masculino? Se sim, quais são?
11. Durante algum evento que você estava na organização, alguma atleta já relatou algum tipo de assédio antes ou durante uma partida?